

I B I C O A R A

Óia pá tu Vê

Inspirado no Projeto Óia pá tu vê - *Memórias de meu lugar*



SALVADOR
2023





Óia pá tu Vê

Gésia Cássia Lima e
Autores convidados

Volume I

Óia pá tu vê
© Copyright 2023 by Cogito 2023

Coordenação editorial: Ivan de Almeida

Imagem da capa: Marie Sanoki

Ilustrações incluindo os arabescos: Bia Dantas

Diagramação do livro em Word: Gézia Cássia Lima

Idealizadora e Coordenadora do Projeto: *Óia pá tu vê – Memórias de meu lugar que inspirou essa obra:* Gézia Cássia Lima

Revisão textual: Gézia Cássia Lima

Diagramação: Bruno Eustáquio

Apoio cultural: Prefeitura Municipal de Ibicoara.

Prefeito: Gilmadson Cruz de Melo.

Gabinete da Prefeitura Municipal de Ibicoara: Gilmadson Aguiar de Melo Júnior.

Apoio de divulgação cultural: Secretaria Municipal de Turismo de Ibicoara: Luã Dias Sampaio

Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer de Ibicoara:

Emerson Rodrigues

Assessoria de Comunicação de Ibicoara (ASCOM): Fabrício Oliveira Silva.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

O39 Oia pá tu vê/ Gézia Cássia Lima (organizadora); ilustrações Bia Dantas; prefácio Emílio Tapioca; apresentação André Rhomero. – Salvador: Cogito, 2023.
258 p.: il. p&b; 21 x 15 cm.

Obra composta por vários (as) autores (as).

ISBN 978-65-85388-12-2

1. Literatura brasileira. 2. Prosa brasileira. I. Lima, Gézia Cássia (organizadora). II. Dantas, Bia (ilustradora). III. Tapioca, Emílio (prefaciador). IV. Rhomero, André (apresentação).

CDD: 869.93
CDU: 82(81)-9

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. É proibida a reprodução parcial ou integral desta obra, por quaisquer meios de difusão, inclusive pela internet sem prévia autorização da autora Gézia Cássia Lima.

AUTORES CONVIDADOS

1. Ana Karyna Dantas de Matos
2. André Rhomero
3. Cássio Antônio
4. Denise Silva Soares de Oliveira
5. Francisco Nascimento Aguiar e Silva
6. Fernanda Aguiar
7. Gardênia Oliveira Pereira de Lima
8. Gildete Aguiar Neto
9. Gilmadson Aguiar de Melo Júnior
10. Keyla Luciana Lopes Santos de Melo
11. Luciene Souza Aguiar – Lu de Tõe
12. Marta Aguiar
13. Mariana Mel de Oliveira Aguiar
14. Mariana Souza Santana Aguiar
15. Magno Aguiar Domingues
16. Maurício Leite Teixeira Júnior
17. Miguel Ângelo Louback Gonçalves Romero Franco
18. Roberto Gomes
19. Roberval Martins Aguiar
20. Sidnei Rocha Aguiar
21. Thayana Lélis Costa Aguiar
22. Wanda Gil





AGRADECIMENTOS



Eu desejo recompensar de maneira equivalente às pessoas que contribuíram à gestação e ao nascimento dessa obra de arte dedicada à cultura e às sabedorias de Ibicoara - Esta cidade que foi a minha casa por certo período de tempo; o suficiente para criar amizades e história. Então menciono alguns nomes, nessa página especial e, todos eles seguem impressos, em outras páginas desse livro, nas páginas de Ibicoara e, nas páginas, agora, da memória de cada leitor.

Gésia Cássia Lima

Ana Beatriz Dantas Oliveira – Querida Bia, jovem artista, talentosa e amável. Aceitou nos presentear com as suas ilustrações - Um show à parte desse livro.

André Rhomero – Um dos primeiros a saber desse projeto e aplaudi-lo. A sua disposição em servir à arte como poeta, cantor, compositor e escritor é cativante. Sou sua fã. Agradeço todo o seu mar de palavras altruístas, onde eu mergulho e me animo.

Ao casal **Arnaldo Silva Pires e Vânia Mércia Araújo Pires** – Ex-prefeito de Ibicoara e a sua esposa, ex-secretária de Educação e, também, de Assistência Social por me receberem com excelente hospitalidade em sua casa, para uma entrevista regada por um banquete de iguarias e receptividade.

Daniela Martins Oliveira – Assessora Técnica da Prefeitura de Ibicoara pela sua competência, organização e direcionamentos concernentes aos trâmites rumo à aquisição desse livro.

Emerson Rodrigues – Secretário Municipal de Cultura, Esporte e Lazer em Ibicoara – Abraçou o Projeto com alegria e boa disposição. Ofereceu os seus talentos em prol da divulgação da obra.

Fabício Oliveira Silva – Sua atenção, zelo e criatividade na diagramação da capa e contracapa desse livro, através da ASCOM/Ibicoara, merecem elogios.

Francisco Nascimento Aguiar e Silva – Um querido cheio de inspirações poéticas. Era me ver e lá trazia um ditado ou palavreado local. “Gésia, lembrei desse provérbio”... Derrama simpatia. Participa aqui como autor convidado. (Obrigada pelos óculos, amigo).

Gilmadson Cruz de Melo – Prefeito de Ibicoara (2021-2024) por ter assinado o contrato que viabilizou a edição desse livro. Grata à gentil atenção que dispensou nesse gesto.

Gilmadson Aguiar de Melo Júnior – Atencioso. Proativo. Preocupado com a necessidade de se investir em arte e cultura local. Sem a sua colaboração, esse livro, provavelmente, não nasceria agora. Participa da obra como apoiador da literatura e autor convidado.

Jordan Lorenzo Lima Sales – Meu amado filho pela paciência que lhe é tão característica, tendo que a usar muito no período de construção desse livro, me ajudando na leitura dos textos, sugestões sobre quais palavras usar. E, principalmente, pela divisão do tempo que ele cedeu à mãe com esse trabalho.

Keyla Luciana Lopes Santos de Melo – Gentileza a define. Participou da primeira reunião online, juntamente com o seu marido Gilmadson Júnior em prol desse livro, disponibilizando-se aos arranjos necessários à publicação dessa obra. Participa dela como autora convidada.

Liliane Teles – Não lembro quantas vezes Lílian me acompanhou em entrevistas. *“Gésia você precisa falar com fulano, com sicrano, não deixe de ver aquela pessoa”...* Uma notável articuladora, profissional organizadíssima e querida amiga.

Luã Silva Sampaio – Secretário de Turismo em Ibicoara – Entendeu de pronto o significado positivo desse livro ao turismo regional. Disponibilizou-se em tudo que dele dependesse. Isso vale muito.

Marie Sanoki – A arte me aproximou dessa habilidosa pintora de telas, encantada e encantadora, cujo talento é reconhecido internacionalmente. Diante de meu pedido, quanto à capa e contracapa desse livro, foi firme: SIM. Ó palavra mágica!

Mauro Rocha de Oliveira – Mauro de Mané Troço. Obrigada pela disposição em me contar histórias, em abrir a porta de sua casa, juntamente com a sua esposa, para tocar sanfona para mim. Óia pá tu vê!

Roberto Gomes – Pela boa disposição em contribuir com esse projeto, através de seus textos que se apresentam aqui tão bem vestidos e arrumados. Maravilhosos.

Sandro Aguiar – O primeiro profissional da Educação a confiar em meu trabalho qual educadora em Ibicoara, na ocasião. Através dele conheci Ibicoara. São elogiáveis o seu cavalheirismo e charme como pessoa.

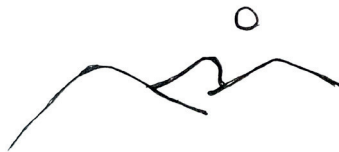
Tadeu Cajado – Professor querido. Estava presente lá no comecinho de tudo, quando esse livro era apenas um rascunho dentro de minha cabeça. Amo empatia e sensibilidade, você as tem, amigo.



Aos 22 **Autores Convidados** que confiaram no
Projeto Óia pá tu vê, embelezando as páginas desse
livro com os seus textos.

As minhas queridas e querido: Géssica (filha),
Morgana (filha), Pétala (neta), Clarice (mãe), Késia
Yana (irmã) e Jordan Lorenzo (filho).

A quem seja capaz de ver a poesia em lugares
improváveis, e lhe sorri.



A memória ama inventar, aumentar, diminuir. Ela não tem **compromisso nenhum com o que acham as outras pessoas. Às vezes o mesmo acontecido é lembrado sob olhares diferentes, pelas pessoas envolvidas. Todos somos personagens de nossa memória.** Atualizamos as nossas lembranças conforme nos convém. Mediante as circunstâncias, a lua, o nosso humor do dia... O que mais seria? Não tem a ver com mentira; talvez, com disposição, proteção, confiança, sobrevivência.

Gésia Cássia Lima

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	27
---------------------------	-----------

André Rhomero

PREFÁCIO	31
-----------------------	-----------

Emílio Tapioca

PARTE UM

CAPÍTULO I

Sabênções de Doinha.....	35
---------------------------------	-----------

Gésia Cássia Lima

1. As rosas brancas de Doinha.....	36
---	-----------

Gésia Cássia Lima

2. Chá de machado	39
--------------------------------	-----------

Gésia Cássia Lima

3. Mangangá	41
--------------------------	-----------

Gésia Cássia Lima

4. Minovecentoetigamente.....	43
--------------------------------------	-----------

Gésia Cássia Lima

5. Corre, raposa. Corre!	46
---------------------------------------	-----------

Gésia Cássia Lima

6. Tile	48
----------------------	-----------

Gésia Cássia Lima

7. O godó nasceu em Ibicoara49

Gésia Cássia Lima

8. Feiuridade51

Gésia Cássia Lima

CAPÍTULO II

Memórias doces e amargas.....53

Gésia Cássia Lima

9. Queta, Maria de Zu!54

Gésia Cássia Lima

10. As histórias (e uvas) de Dona Oronda57

Gésia Cássia Lima

11. Policial Vieira.....59

Gésia Cássia Lima

12. Quando pensar que não!61

Gésia Cássia Lima

13. Filha de Deus!63

Gésia Cássia Lima

14. A Promessa65

Gésia Cássia Lima

15. Dona Nenenzinha66

Gésia Cássia Lima

CAPÍTULO III

Meu passado vem sempre me visitar!69

Gésia Cássia Lima

16. Naquele sobradinho	71
Gésia Cássia Lima	
17. Um casarão malassombrado	73
Gésia Cássia Lima	
18. Iracema era professora e não tinha licutixo com ela!.....	74
Gésia Cássia Lima	
19. Saudade do Major Guilherme e Dona Candinha	75
Gésia Cássia Lima	
20. Ah! Meu candeeiro de prata!	76
Gésia Cássia Lima	
21. Nunca se é como era.....	77
Gésia Cássia Lima	
22. Dançava era muito	80
Gésia Cássia Lima	
23. Toda a vida	82
Gésia Cássia Lima	

CAPÍTULO IV

24. Isso é coisa pra menino.....	85
Gésia Cássia Lima	

CAPÍTULO V

Respeito se conquista.....	89
Gésia Cássia Lima	
25. Mina de ferro	90
Gésia Cássia Lima	

26. Fazer vale mais que falar.....	92
Gésia Cássia Lima	

CAPÍTULO VI

27. Pipoca	97
Gésia Cássia Lima	

28. Os copos-de-leite de Tininha.....	100
Gésia Cássia Lima	

CAPÍTULO VII

O dom dele era aquilo	103
Gésia Cássia Lima	

29. O dom dele era aquilo!.....	104
Gésia Cássia Lima	

CAPÍTULO VIII

30. Santinha.....	111
Gésia Cássia Lima	

CAPÍTULO IX

31. Dona Menininha e a menina Biú	115
Gésia Cássia lima	

CAPÍTULO X

32. O ranger da rede – Kroote, kroote, kroote	119
Gésia Cássia Lima	

CAPÍTULO XI

33. QUEBRA – hora do mói-d’água	123
Gésia Cássia Lima	

CAPÍTULO XII

Textos 34 a 40 - Enluarados.....	127
Gésia Cássia lima	

PARTE DOIS

CAPÍTULO XIII

Textos 41 ao 47 - Roberto Gomes	133
42. Infância de verdade	135
Roberto Gomes	
43. Ibicoamar	137
Roberto Gomes	
44. Cafezais em flor.....	139
Roberto Gomes	
45. Águas de Ibicoara.....	141
Roberto Gomes	
46. Gringa: a Maria que amamos	143
Roberto Gomes	
47. Praça de uma saudade	145
Roberto Gomes	

CAPÍTULO XIV

Brincadeiras de antigamente.....	147
Gardênia Oliveira Pereira de Lima	

48. Brincadeiras de antigamente.....	148
Gardênia Oliveira Pereira Lima	

CAPÍTULO XV

Ibicoara minha cidade.....	159
Mariana Mel de Oliveira Aguiar	

49. Ibicoara minha cidade.....	160
Mariana Mel de Oliveira Aguiar	

CAPÍTULO XVI

Beleza divina	161
Wanda Gil - Letra, melodia e arranjo	

50. Beleza divina	162
Wanda Gil	

CAPÍTULO XVII

A casa da praça	165
Fernanda Aguiar	

51. A casa da praça	166
Fernanda Aguiar	

CAPÍTULO XVIII

ESCONDIDO.....	171
Gilmadson Aguiar de Melo Júnior	
Keyla Luciana Lopes Santos de Melo	



52. Escondido	172
Gilmadson Aguiar de Melo Júnior	
Keyla Luciana Lopes Santos de Melo	

CAPÍTULO XIX

Casa de vó	177
Denise Silva Soares de Oliveira	
53. Casa de vó	178
Denise Silva Soares de Oliveira	
54. Mané Berada	180
Denise Silva Soares de Oliveira	

CAPÍTULO XX

A pedona	183
Magno Aguiar Domingues	
55. A pedona	184
Magno Aguiar Domingues	

CAPÍTULO XXI

Ibicoara	189
Banda Forró Trindade - André Rhomero & Gutto Guedes	
56. Ibicoara	190
Banda Forró Trindade - André Rhomero & Gutto Guedes	

CAPÍTULO XXII

Meu lugar no mundo.....	191
Maurício Leite Teixeira Júnior	





57. Meu lugar no mundo.....	192
Maurício Leite Teixeira Júnior	

CAPÍTULO XVIII

Dançar coladinho.....	195
Francisco Nascimento Aguiar e Silva	

58. Dançar coladinho.....	197
Francisco Nascimento Aguiar e Silva	

59. A morte da Biquinha.....	199
Francisco Nascimento Aguiar e Silva	

CAPÍTULO XXIV

O amor de Lu e Tõe.....	203
Luciene Souza Aguiar - Lu de Tõe	

60. O amor de Lu e Tõe.....	204
Luciene Souza Aguiar - Lu de Tõe	

CAPÍTULO XXV

Ibicoara, acuda aqui sem pressa.....	209
Cássio Antônio	

61. Ibicoara acuda aqui sem pressa.....	210
Cássio Antônio	

CAPÍTULO XXVI

Mulheres-árvore.....	215
Marta Aguiar	

62. Mulheres-árvore.....	216
Marta Aguiar	





CAPÍTULO XXVII

A minha querida mãe.....219

Roberval Martins Aguiar

63. A minha querida mãe.....220

Roberval Martins Aguiar

CAPÍTULO XXVIII

**“Saudades eu tenho de tudo, como não ter
saudades”?223**

Sidnei Rocha Aguiar e Mariana Souza Santana Aguiar

**64. Saudades eu tenho de tudo. Como não ter
saudades?224**

Sidnei Rocha Aguiar e Mariana Souza Santana Aguiar

CAPÍTULO XXIX

65. Presente de aniversário!.....230

Miguel Ângelo Louback Gonçalves Romero Franco

CAPÍTULO XXX

Maravilhas de Ibicoara.....233

Thayana Lélis Costa Aguiar

66. Maravilhas de Ibicoara.....234

Thayana Lélis Costa Aguiar

CAPÍTULO XXXI

Abençoadas palmadas.....237

Gildete Aguiar Neto





67. Abençoadas palmadas.....	238
Gildete Aguiar Neto	

CAPÍTULO XXXII

É de dar água na boca Textos de 68 a 70 -	243
Ana Karyna Dantas de Matos	

68. Tradições que vão à mesa – Receita de Palma.	245
Ana Karyna Dantas de Matos	

69. O milho, uma tradição - Receita de Canjica! ..	247
Ana Karyna Dantas de Matos	

70. Cheiro de contos	249
Ana Karyna Dantas de Matos	

POSFÁCIO	251
Gésia Cássia Lima	

Que gente é essa?	251
--------------------------------	------------

Glossário	255
------------------------	------------





APRESENTAÇÃO



Ibicoara - memória e identidade

André Rhomero

O município de Ibicoara foi formado a partir da ocupação de um território rural e agrícola, pertencente ao município de Mucugê, por grupos de Tropeiros - que levavam alimentos, roupas e utensílios para os garimpeiros que trabalhavam na região da Chapada Diamantina em busca de ouro e diamante. Assim, um dos principais objetivos desse trabalho inspirado no projeto *Óia pá tu vê – Memórias de meu lugar* idealizado pela escritora Gésia Cássia Lima é preservar a memória desse povo e lugar, desde a sua ocupação, emancipação política - em 20 de julho de 1962, até os dias atuais, para que a história não se perca. E que se proteja, além do patrimônio imaterial - relacionado



à cultura dos tropeiros e agricultores que aqui viviam/vivem, o patrimônio material natural presente em suas belíssimas cachoeiras, montanhas, espécies animais endêmicas, árvores nativas, flora, rios, paisagens e pinturas rupestres, em uma área sensível de transição de três importantes biomas brasileiros, a Caatinga, o Cerrado e a Mata Atlântica.

A escolha do tema, “Memórias de meu lugar”, destaca-se pela urgência de se registrar, em textos diversos, depoimentos de cidadãos ibicoarenses que fizeram/fazem parte dessa história, e que ainda vivem em nosso município, apesar de sua idade avançada, em muitos casos, podendo nos trazer valiosas narrativas desse passado recente, com o frescor e a realidade viva de quem fez/faz parte desse belo processo histórico municipal, de relevante valor à IDENTIDADE do nosso povo. *Óia pá tu vê/Ibicoara* justifica-se, também, pela intenção de identificar, proteger e publicar o patrimônio material natural encontrado pelos tropeiros, agricultores e primeiros habitantes, ao chegarem aqui.

Importante traço da identidade de Ibicoara é que a formação de seu povo se deu por um processo migratório recente que continua até os dias atuais. A figura do “Tropeiro” é, portanto, até hoje, um símbolo importante da alma desse povo que continua incorporando imigrantes e “passantes” no seio da sua estrutura social, por ser um território de intenso fluxo de turistas, nacionais e internacionais, que buscam desfrutar das belezas extraordinárias do seu ecoturismo, que

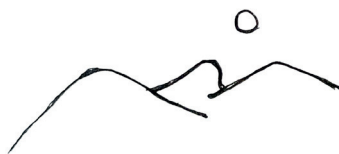




muitas vezes chegam como visitantes e terminam por fixar moradia no município, fato que tem acontecido com maior frequência nos últimos anos.

Assim, através da elaboração de textos belos, leves, alegres e intensos ligados à temática do projeto, pretendemos perenizar a memória e identidade local que continuam sendo estruturadas por esse perfil de cidadão que traz as suas memórias de vida dos mais diversos lugares do nosso planeta, constituindo uma população com uma variedade humana, e natural, incomuns, que precisa ser urgentemente preservada, para que as futuras gerações, também, possam desfrutar desse riquíssimo paraíso, pleno em diversidades, chamado *Ibicoara!*

Ibicoara, 09 março de 2023.



André Rhomero – André Romero Nery Franco - Escritor, Diretor Municipal de Cultura em Ibicoara, criador da *Escola Asbtária*, Guia de Ecoturismo, Cantor, Compositor e Vocalista da Banda Ibicoarense: *Forró Trindade!*







PREFÁCIO



Apresentar um projeto como este é muito mais que um desafio literário, é um esperar sem tamanho, como dizia o mestre Paulo Freire “É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo”. Assim como é o privilégio do convite feito pela autora, idealizadora, escritora, professora e poeta Gésia Cássia Lima para uma inspiração em reverência à ancestralidade, ou melhor dizendo uma elegia aos saberes e fazeres dos povos identitários e tradicionais. O encantamento da expressão de um linguajar, de um interagir e interpretar seus modos, compreender o tempo. O espaço e o lugar em que convivem entre lidas e lutas diárias, entre resistências e resiliências



atemporais, tão vistas e queridas na rica diversidade das suas oralidades. Certamente, este será um sentimento prazeroso aos que deste se fazem protagonistas e, que ao pulsar das suas

INVERNADAS

Chegou o tempo das invernadas
Onde a fala é precedida pelas escutas ancestrais!
Chegou o tempo das invernadas
Onde o instinto é determinado pelas razões existenciais!
Chegou o tempo das invernadas
Onde a caminhada é sentida pelas emoções vitais!
Chegou o tempo das invernadas
Onde a chegada é sabida pelas trilhas a mais!

Emílio Tapioca



Emílio Tapioca - Escritor, Poeta e Representante de Cultura do Território da Chapada Diamantina pela SECULT/BA. A poesia citada está na obra *Breviários de um poeta de ofício e devoção*, de sua autoria.

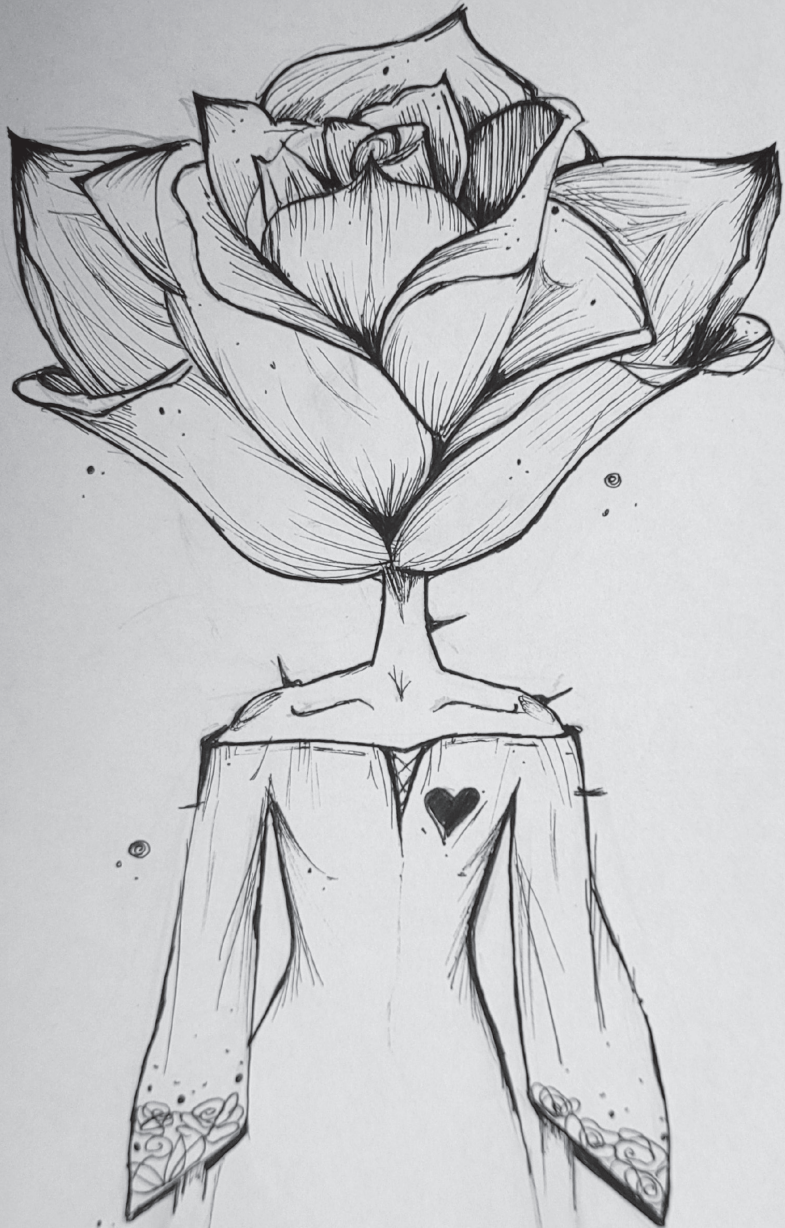


PARTE UM



A primeira parte desse livro compreende os capítulos I ao XII, formada por 40 textos inéditos dispostos em memórias literárias, poesias e contos assinados por Gésia Cássia Lima.

Gésia Cássia Lima – Escritora, poeta, romancista e contista. Representante Territorial de Cultura pela SECULT/BA desde 2022.



Capítulo I



Sabênções de Doinha Gésia Cássia Lima

Dedicado à Maria da Glória Caires da Silva – Doinha, por sua fé, resiliência, bondade e alegria de viver, frutos tão raros em única pessoa. Pelas duas tardes que passamos juntas em Mundo Novo, contando e ouvindo histórias. Obrigada, minha querida Doinha pelo privilégio de sua companhia.



1. As rosas brancas de Doinha

Gésia Cássia Lima

Eu fiquei estarelecida. Perdi as palavras, todas. Havia chegado com tantas e, agora... Naquele momento, assim de surpresa, completamente desprevenida, engasguei um nó na garganta que tentei disfarçar, esconder, engolir. Achar o que dizer... Porque muitas vezes nos ensinaram essas coisas, embromar certos sentimentos. Emudecê-los.

A tarde trazia certa melancolia. Tudo arredor era bonito, mas uma súbita tristeza dentro da gente contrastava. A beleza estava em Mundo Novo, no verde-cana-limão das serras, das rochas desenhadas daquele lugar. Passarinhos faziam festa lá fora. Aquele doce canto do vento viria do Canavial do Pai Pedro?

As cores da tarde eram vibrantes. Observei. O vermelho das buganvílias era vermelho de verdade. Também, as rosas brancas de Doinha eram brancas mesmo! Donas de uma fragrância inebriante, lindas, tão delicadas; uma ou outra exibia um tom desmaiado em suas pétalas, a nos dizer um perfume de saudades, de lembranças que estão guardadas lá no fundo de nossa memória. As rosas brancas de Doinha apaziguavam as recordações dolorosas daquelas histórias que eu ouvia - quase todo mundo tem uma triste





pra contar (ou não contar), acompanhada de meu amigo e professor Tadeu Cajado. Contudo as rosas traziam uma nuance de serenidade ao coração daquela mulher que ainda batia ora descompassado, ora como se tivesse parado. Era a sensação que eu tinha.

Eis uma tarde pintada, num fim de dia que parecia uma tarde vestida de lilás. Você já viveu uma tarde vestida de lilás?

Quem sabe a *Marie Sanoki* pudesse pintá-la com os seus pincéis mágicos, numa dimensão espetacular. Ou a jovem desenhista *Bia Dantas* pudesse fazer um traço e nos encantar...

Porém nada disso impediu o susto, o assombro! Aquelas histórias insólitas proferidas feriam a quem ouvia mais do que a quem contava. Ou terá sido exatamente o oposto? Como se mede a dor de alguém? Se a mulher nos disse: *“Preste atenção em quem ri mais do que em quem chora”!* No riso disfarçamos as nossas penas. O choro é revelador. No riso o coração, talvez, sinta dor. Ela sorria.

Como ela conseguia falar daquelas histórias tão íntimas, tão sinistras, tão violentas e tão abusivas com uma resignação sobrenatural, uma força desconhecida, eu não sei. Onde as suas lágrimas foram parar?

Por anos a fio viveu em cativeiro. Havia uma chave que ela não girava. Como a gaiola de taliscas quebradas





que o pássaro volta à tardinha, para se recolher nela, como moradia. Isso doía muito! A mulher não ia embora e, ainda com tantos filhos pequenos. Ficava lá. Apesar de tudo. Apesar dos anos passarem em passos pirracentos. O desconhecido pode ser, para muitos, um lugar mais atemorizante do que o assombro que já se conhece.

Um desassossego tomou conta de mim. Escondidas, não sei onde, estavam as minhas palavras de consolo.

A mulher nos olhou com doces olhos. Eles, sim, nos consolaram. Contou de seu perdão e da loucura que escapou. “*A morte não me quis muitas vezes*” – Ela falou!

Seus lábios proferiam uma gratidão que eu nunca pensei que existisse no mundo - Eis de fato um mundo novo!

Eu me senti tão cruel. Verdade seja dita. A bondade daquela mulher, a sua disposição em perdoar revelavam um céu de ternura que faltava em mim. Eu que pensei que tinha uma boa medida de misericórdia. Misericórdia, meu Deus!

Eu me vi uma cacimba, ao lado de um rio largo e corrente.

Os anjos se parecem com gente?

Eu pensava que não.

(Mundo Novo, 25 de março/2022)



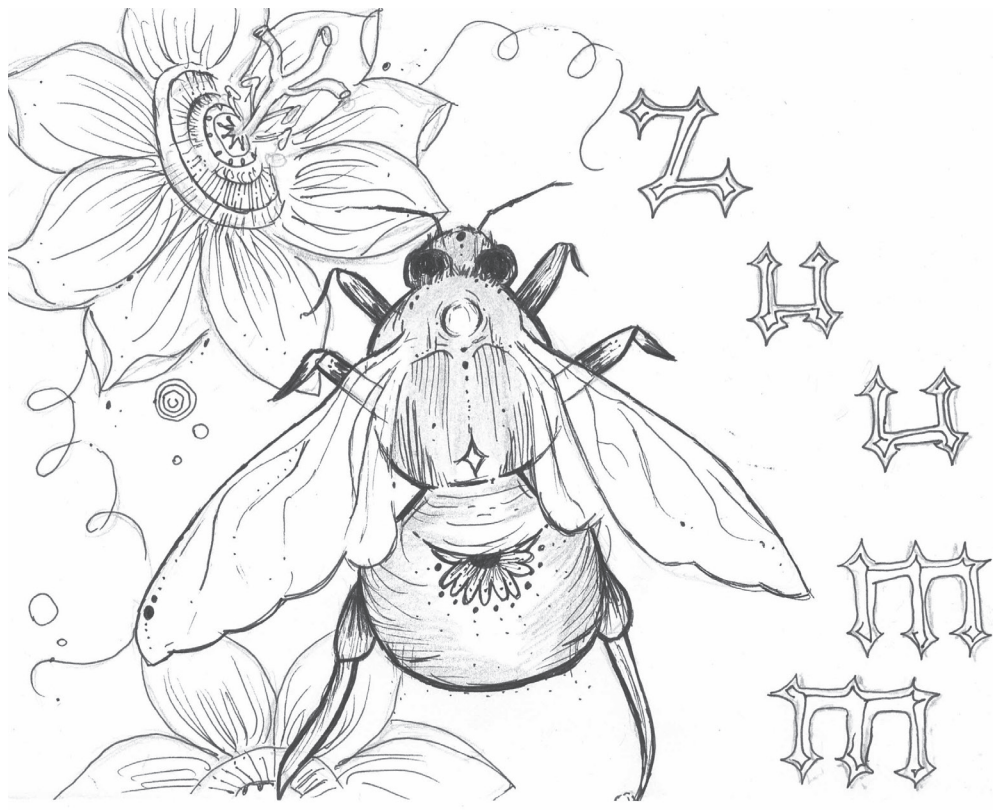


2. Chá de machado

Gésia Cássia Lima

Às vezes a FÉ é tudo o que a gente tem
Mesmo que você se sinta um NINGUÉM!
Eu via um filho doente desfalecer
Meu Deus, não deixe ele morrer!
Nenhum centavo na mão...
Só medo e aflição!
Sem família e presa
Presa em minha solidão!
A única coisa de cura que eu via
era o machado velho jogado
Queimado em brasão!
Das cinzas, fazia um chá
Ele bebia
Meu medo se ia...
O milagre acontecia!
Cura e gratidão!







3. Mangangá

Gésia Cássia Lima

Beira de rio. Lá pro lado da encosta onde passa onça. Onça preta. Inté hoje passa. Tinha medo de onça não. Hoje quem vai lá é cueio. Mas teve um tempo, eu me arribava por essas banda sem medo de nada dela. Podia vim, eu num tava nem aí! Tanto fazia! Queria me deparar com ela. O sol pelando no tino. Trouxa na cabeça.

Ê, onça molestada da peste. Aparece pá tu vê! Eu gritava pelos mato. Quem visse dizia: Vixe! Essa aí, entortou o juízo de vez! Se tu querer dá cabo de mim, dê! Pensava essas toleimice. Nem sei o que dizer! Creindeuspai!

Parecia que eu tava, mas num tava nesse mundo. Tem hora que fico entojada. Parece que engoli fio de cabelo embolado no quiabo. Tomo meus chá. Bebo minhas erva. Melhor.

Veze de quando, escutava um quebrar de gaio... Via umas pegada. As pegada me seguia aonde eu ia. Medo num tinha! Eu ficava perdida nos meus pensamento. Atolemada. Abestada.

Dava meia tarde, pensar que não, óia pá tu vê: o Mangangá!





Se tu quiser eu te mostro um de longe, porque eles
avoam ZZZZZUUUUUMM

Onde tem roça tem Mangangá!

Ziguezagueando tudinho os maracujá!

Um besouro atentado que passa ZZZZZUUUUUMM

Num ligeiramento dos inferno!

ZZZZZUUUUUMM ~'

Ô, peste! Mas eu gostava dele por causa disso:
Pensava que meu sofrimento ia de passar num piscar, nas
asas do besouro...





4. Minovecentoetigamente

Gésia Cássia Lima

O Prefeito Adélio mandou abrir a estrada por cima da serra. É doido, é? É nada! Foi um rebuliço nesse Mundo Novo. Isso foi no ano de minovecentoetigamente! Quando pensar que não, era burro subindo, trotando e bufando por esse caminho aberto. E compouca, óia os carro! Depois foi o Prefeito Arnaldo que veio e terminou o começado. Antes dessa estrada, menino por aqui morria era de punhado. Se não tinha médico, nem vacina, nem nada! É uma recordança de dar dó!

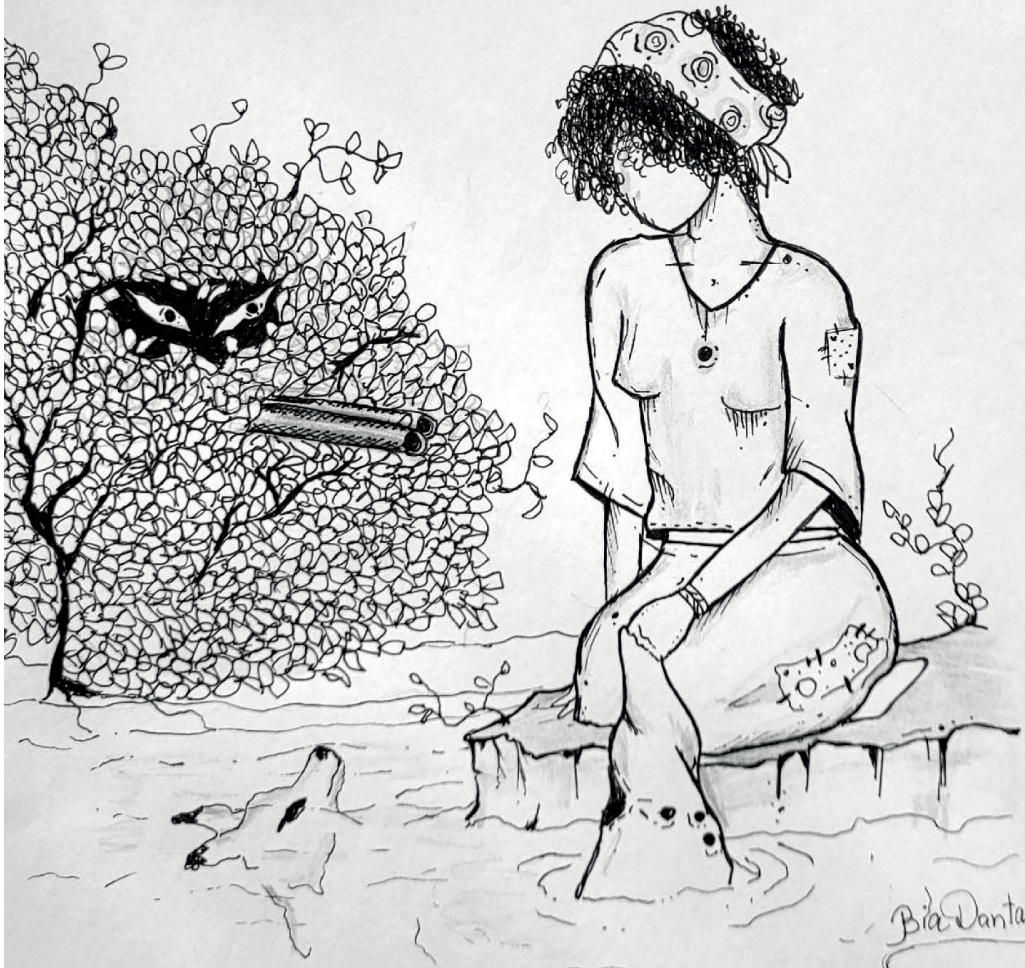
Meus menino tudo que morreu nesses meus braço, morreu uns na Escadinha. A gente subia a Escadinha. Vê esse poste em pé? É tipo a Escadinha. Quando pensar que não, eu via o último suspiro da vida de meus filho. E daí a gente voltava no mesmo pé que tava indo. O coração partido em não sei quantas banda! Pé que não caminha não leva topada. Os pé da gente tava era esfolado de tanto caminhar e cair, de tanto bater nas pedra dos caminho! No dia que a gente viu um carro entrar aqui, vindo de Ibicoara foi rumor sem fim de tamanho! E a luz quando chegou? Arnaldo trouxe a luz! Antes era o Pau de Candeia queimado para alumiar as casa. Por que vela, só era permitido pra sentinela de defunto. Acender vela, em minovecentoetigamente, fora de hora, era agourar, chamar a morte. Os grande ficando doente se fazia





um benguê com quatro varas de pau. Quatro homem subia essa Escadinha com o doente. Morre-não-morre! Se ia chegar vivo lá em cima... Só Deus na sorte!





Bia Dantas



5. Corre, raposa. Corre!

Gésia Cássia Lima

Contava a história como se estivesse narrando a desgraça de outra pessoa, de um lugar distante de si mesma. Parecia conformada, tão resiliente. Olhei o seu rosto cortado por rugas. A escutava com piedade e alguma raiva. Uma raiva inesperada tomou conta de mim.

Mas de onde ela tirava aquela complacência e impassibilidade? Será que tudo era fruto de um pesadelo ou de um tipo de surto?

Acredite em mim! Disse, parecendo adivinhar o meu espanto e a minha incredulidade. Acreditei. Por que desgraça maior é a gente contar uma verdade e quem escuta entender como mentira. Desgraça igual é você estar em seu mais equilibrado juízo e te confundirem com uma tonta desajuizada.

Será mesmo que só se vive uma vez? Por que uma vez parece injusto, principalmente, para quem sofre tanto da primeira. Quem padece devia de viver mais, noutra tempo mais esticado e diferente, rodeado só de alegria. Por isso que eu acredito que um dia essa terra será transformada num infinito Paraíso. Ele há de vir!





—*Eu corria, corria. Corre, raposa. Corre!*— A mulher contou que no braço do rio, avistou distante escondido, no meio do mato, o cano da espingarda a olhar para ela como se olha para uma raposa desentocada, desprotegida, assustada. Calçou as sandálias, numa carreira só, furando feio um dos pés, com o pedacinho do arame que prendia as correias da velha borracha. Catou a trouxa de roupa que havia secado e correu, correu o mais que pôde.

O homem gritava eufórico: — *Corre, raposa. Corre!* Aquela gargalhada sádica ela conhecia bem. Os tiros ecoavam pelo mundo, e não a alcançaram.

Apesar de presa fácil, os tiros ao alvo nunca a acertaram.

Que graça teria para ele, matar a sua raposa?





6. Tile

Gésia Cássia Lima

Vambora comer um Tile no Poço? Só tinha graça comer Tile no Poço! A farinha era de roda, feita de mandioca. Plantava a mandioca. Ralava no ralo feito da folha da lata de querosene. Torcia e coava num pano. Botava pra secar. Mas tinha que ser da mandioca daquela da folha de Santo Amaro que era pra não envenenar ninguém! _Explicou.

_Nós vai no Poço hoje! _ Anunciava às vizinhas.

_Oxente! Só se for agora! Comer Tile. _Animavam-se!

Molhavam a farinha com a própria água fria do poço. Faziam vários bolinhos, modelando cada um com a palma da mão e os dedos, misturando a cebolinha, e a pimenta que não podia faltar. Estava pronto o Tile!

_A gente comia tanto que a barriga ficava inchada!
_ Sorriu.

Ah! Um Tile agora...

Quem dera!

Alegria que era!

(29 de março de 2022)





7. O godó nasceu em Ibicoara

Gésia Cássia Lima

Você sabia que o godó nasceu foi aqui, em Ibicoara?
_ A pergunta foi feita com orgulho. Como quem achasse ser um desaforo que outros lugares da Chapada Diamantina reclamassem a origem do godó.

Pois foi! Mas o daqui começou assim: O feijão era pouco. Um moinho de tanto pra cada filho. Um bocadinho aqui. Um bocadinho ali. Tinha que tapear. Pra render, a gente botava folha de taioba e banana verde dentro. Cozinhava.

Mexia, mexia. O cheiro explodia. O godó nascia.

Os vizinho vinha de mansinho no rastro do cheiro, atrás de curiá.

Olhavam a lata grande cheia até a boca, cozinhando no fogão de lenha.

É comida pra porco? _ Perguntava uns descompreendido.

Dava era vontade de dizer que era! Mas acode aqui que eu não sei mentir!

Nessa história não sobrava era nada!

E no fogo a lata de feijão-godó fervia!

Oxe! Menino e tudo que era gente comia que se entupia!







8. Feiuridade

Gésia Cássia Lima

Ô! Vida Torta! Amanhã é dia de macaco.
Mamãe falava isso: Amanhã é dia de macaco!
Mas o que isso quer dizer? _Perguntei.
Que era dia do pesado, da lida dura, do catingueiro
do pé lascado.

E meus filho sofria de feiuridade.

Mas o que isso quer dizer? _Insisti.

Não tinha uma roupa arrumada pra ir pra escola.
Eu pegava saco de alinhage e costurava na mão, qualquer
coisa pra eles vestir. O lápis era um cotoco destamainho,
aqui. Os colega riam deles. Eu queria tanto dar a eles tudo,
o melhor...

Mas não sabe? A aranha veve do que tece.

Feiuridade é você passar vergonha! Num ter! Num
saber ler! Num saber riscar seu nome na areia!

E eu pensei: Feiuridade são as injustiças sociais.







Capítulo II



Memórias doces e amargas

*“As minhas memórias são
doces e amargas”*

Maria Guimarães Barbosa

O Capítulo II, textos 09 ao 15 estão assinados por Gésia Cássia Lima e dedicados à querida amiga e educadora Maria Guimarães Barbosa – amo os seus silêncios, que costumam dizer tanta coisa!



9. Queta, Maria de Zu!

Gésia Cássia Lima

*Aria, Maria
aria a tigela
Bacia na cabeça
Quem guenta com ela?
Lava, lava, lava
Roupa, panela
Fala, fala, fala
Da vida dos outros
Farofa na guela!*

Ibicoara – uma Vila de uma pracinha e uma igrejazinha só. No fundo da Igreja da Matriz tinha o motor de Seu Xavier, o pai de Nilzete. Que trazia luz até as dez horas da noite, através dos postes de madeira. O ano de 1981 ainda demoraria a chegar e, com ele, a energia elétrica.

Todas as crianças iam para o meio da rua cantar cantigas de roda a brincar:





*¹Fui no Tororó
Beber água e não achei
Encontrei bela morena
Que no Tororó deixei...*

E tinha Dona Anorinda com mais de 90 anos, velhinha, tadinha. Por que ela morava perto da Cacimba, um lugar que hoje fica no caminho do Horizonte, perto da ponte de um rio grande, onde as mulheres de toda a Vila iam de bacia ou trouxa na cabeça lavar roupa, umas lavavam de ganho. Até *Maria de Zu* estava nesse meio.

E a gente mudava a letra da música:

*Fui no Tororó
Beber água e não achei
Encontrei Bela Anorinda
Que no Tororó deixei...*

Maria de Zu lavava roupas e panelas no rio, conversando pelos cotovelos. Não parava de falar entre uma farofada de carne seca e outra. Chegava a engasgar, mas tinha que falar! Os paninhos de pratos eram quarados sob o sol e nenhuma mancha de gordura poderia ficar neles. Trabalho porco ela não fazia! Caprichosa no falar e na lida.

¹ Modinha de domínio público.





Até hoje tem um dizer por aqui, para quem fala demais:
“Queta, Maria Dizu!”.

– *Óia pá tu vê! Dizu ariou muito bem essas panelas!* -
Abismava-se a mulherada!

– *Vixe, que os panos de prato tão branquinhos que nem coco!* - Reconheciam!

– *Fala, Maria Dizu! Conta uma graça pra nós!*

– *Tu já foi na parte dos homens do rio?* – Indagavam curiosas as amigas!

A galhofada estava feita! A pergunta provocava alvoroços, porque o rio era separado: uma parte para os homens e, a outra, para as mulheres e crianças. Quem estava lá, não passava pra cá. E, de cá pra lá, ninguém ia.

Mas Dizu tinha lá os seus segredos. Besta quem pensava que ela contava tudo.





10. As histórias (e uvas) de Dona Oronda

Gésia Cássia Lima

Isso tem pra lá de 50 anos. Dona Oronda, uma senhora bem moreninha, sempre com um lenço amarrado na cabeça, tinha um pé de uvas no quintal de sua casa. Todo ano, eram as pencas mais lindas de uvas que eu já vi! Essa casa existe até hoje, do mesmo jeitinho. Eu posso te mostrar. Só não há mais uvas, nem Dona Oronda! Ela sempre distribuía as suas uvas com as crianças e eu estava entre elas. Contava histórias do tempo em que a falta de energia elétrica contribuía a temperar cada conto com horrores e medo! Escuridão é um bom cenário às lendas de lobisomem, onça preta, mula sem cabeça... Narrativas fantásticas que metiam medo até aos adolescentes e gente grande, creia!

Pra completar tinha Seu Zé, dono de uma mula branca – você já viu uma mula branca? Ela tinha umas pisadas fortes, um trote muito firme. Ele desfilava com essa mula, cortando a cidade inteira, descendo em direção à roça onde morava, pelas madrugadas frias de Ibicoara.

PO CO TÓ PO CO TÓ PO CO TÓ PO CO TÓ

Valha-me Deus! Eram as passadas da mula sem cabeça!! Acreditávamos piamente!

Dona Oronda bem que nos avisou:





*_ Óia pá tu vê! Em noites de lua cheia a mula sem
cabeça passa trotando, procurando menino desobediente pra
galopar no lombo dela!*

Eu era obediente. Mas tinha medo de ter desobedecido
sem saber...

(22/05/2022)





11. Policial Vieira

Gésia Cássia Lima

*²Acorda Maria Bonita
Levanta vai fazer o café
Que o dia já vem raiando
E a polícia já está de pé ...*

Isso tem é janeiro! Seu Vieira, primeiro policial de Ibicoara enviado pelo governo do Estado, morava nos fundos da Delegacia. A menina que na época tinha uns 7 anos de idade se lembra até hoje de como ele era gentil e cuidadoso com os idosos e as crianças. Assim não podia ver nenhuma pelo meio da rua solta fora de hora que indicava voltar pra casa, às vezes ele a acompanhava, recomendando aos pais mais cuidados. Representava um amigo das famílias, um guardião da segurança municipal. Maria, a menininha gordinha de cabelos encaracolados passava, bem cedinho, em companhia de seu pai, para ir à escola e Seu Vieira cantava pra ela; então, o dia parecia tão mais seguro!

Acorda, Maria Bonita

2 Modinha de domínio público.





Levanta vai fazer o café!...

O gesto em forma de cantoria soa até hoje como um *hino de gentilezas* que a menininha nunca esqueceu, e as autoridades deveriam aprender a cantá-lo, tão bem!





12. Quando pensar que não!

Gésia Cássia Lima

Minha avó morava na região da Vânia. A gente ia andando da Vila de Ibicoara até lá. Só não ia na época da Semana Santa, porque era perigoso encontrar alma penada na estrada. Meu avô, que Deus o tenha, contava sem segredos da vez que ele, sem respeitar a Semana, adentrou a estrada e se deparou com um cachorro de dentes afiados e cara de lobo a uivar contra ele. O pelo reluzia de tão preto! Os olhos vermelhos pareciam duas bolas de fogo na noite!

Quando pensar que não, no momento que ele mirou o cano da espingarda, que sempre trazia consigo por companheira, e puxou o gatilho, o bicho se transformou numa coisa de penas e voou, se batendo aqui e acolá pelas copas das quaresmeiras. Estranho aquilo! Ele tinha certeza: Era um cachorro grande, feito lobo que estava na frente dele.

Mesmo assustado não pensou em fugir.

Quando pensar que não, avistou um vulto distante, abrindo uma porteira que dava pro lado de um rio. Corajosamente, decidiu seguir pra ver quem era!

Espingarda em punho e bravura no peito. Lá se foi meu avô a procura de não sei lá o quê. Escondido atrás de





uma árvore viu um homem ferido à bala, mergulhando no rio e sumindo na calada da noite...

Os antigos daqui de Ibicoara conhecem todos essa história. E não há um que duvide!

Um dia, anos depois, chegou aqui um forasteiro desavisado, vindo de São Paulo. Não é que ele também viu o tal lobo, nessa mesma estrada, que se transformou num homem ferido, que se jogou nesse mesmo rio? Quem quiser que pense que é invenção de gente que bebe cachaça! Que nada!

Naquela estrada é nunca que eu passo por lá!

E os forasteiros que se cuidem e conheçam as histórias do lugar!

– Se tu quiser, eu conto mais! – Disse-me a mulher sem pestanejar.





13. Filha de Deus!

Gésia Cássia Lima

Mula Preeeta!...

Mula Preeeta!...

Ela enlouquecia! Essa frase era o gatilho que fazia aquela senhora perder o juízo!

Negra. Uma corcunda a encurvava. Um saco nas costas. Vinha do Sincorá a Ibicoara andando, parecendo alma a penar!

As crianças tinham medo de Maria: choravam, gritavam,

se escondiam...

Ela ia num canto a outro sem destino, sem ter aonde chegar.

Com uma tora de pau ou uma ripa ela quebrava os faróis dos carros, pois entendia que eles eram olhos perversos para ela a olhar.

Porém não quebrava os olhos do carro de meu pai.

- *Esses olhos são bons pra mim.* - Dizia.

Pois meu pai sempre que podia consolava: _ *Óia pá tu vê, Maria. Você não é Mula Preta. É filha de Deus. Precisa se acalmar.*





*Deixa quem quiser caçar!...
No final das contas é a Deus
que cada um vai ter que pagar!*





14. A Promessa

Gésia Cássia Lima

A menina se chamaria Luciana, mas por uma questão de crença, para ela não ir embora, trocaram o nome e puseram: Maria!

Doentinha. Dias contados! Será que ela se ia?

Mas quando Deus escreve, não há quem mude a história...

Encomendaram funeral e tudo. Vela segurou com as suas mãozinhas.

Mas ela vingou!

Foi o nome? Foi a Fé?

Foi a graça de Nosso Senhor?

Quem explica?

Acaso Deus,

um doutor?





15. Dona Nenenzinha

Gésia Cássia Lima

Naquele tempo as políticas públicas direcionadas à alimentação escolar eram tímidas e davam a impressão que chegariam por aqui no Dia de São Nunca!

Cada um levava à escola, para merendar, o que tinha: uma banana da prata, laranja, uma goiaba do fundo do quintal, o que tivesse em casa. Biscoito de água e sal era um luxo. Quem não tinha nada, nada levava! Dona Nenenzinha, uma das primeiras merendeiras de Ibicoara, socorria a todos e a quem mais necessitasse com o seu famoso farofão. Quem podia levava a farinha, um mói de coentro, uma cebola, tomates, um pouco de banha, o que fosse! Até hoje eu me lembro do cheiro delicioso do farofão de Dona Nenenzinha. Era tudo tão sofrido, mas tudo virava motivo de alegria, pela amizade e união.

Todos estudavam em uma única escola - as Escolas Reunidas. Os desfiles de Sete de Setembro, de Princesa Isabel eram eventos especiais. O farofão de Dona Nenenzinha fazia parte da festa! O perfume da farofa dava água na boca. Quem aqui, filho de Ibicoara, que tenha mais de 45 anos de





idade, não provou a farofa de Dona Nenenzinha? Se tem, ô, coitado! Não sabe o que perdeu!

O ingrediente principal que ela usava, eu sei bem qual era: o amor. Ela servia rindo os pratinhos, derramando a sua farofa. Tinha menino que vinha com as mãos em concha pra ela botar só mais um tiquinho...

_Deixa de arrelia, menino! Teu bucho vai inchar de tanto comer! – Dizia entre risos e carinho!

O pouco que se recolhia, rendia!

Parecia milagre!

Obrigada, Dona Nenenzinha!

Pelo tempero, pela alegria...

Por fazer parte de minha infância-folia!





Capítulo III



Meu passado vem sempre me visitar!

Os textos 16 ao 23 são assinados por Gézia Cássia Lima e estão dedicados à empoderada anciã ¹Dora Aguiar Domingues. Histórias narradas por ela mesma, no dia 03 de maio, numa inesquecível tarde de terça-feira, no ano de 2022 à Gézia Cássia Lima e Liliane Teles.

Dora Aguiar Domingues

¹ Dora Aguiar Domingues. Foi vereadora voluntária em Ibicoara. Filha de Alice Santos Silva e Luiz Aguiar. Reside em Ibicoara há mais de meio século. Nasceu em 23 de novembro de 1923.





16. Naquele sobradinho

Gésia Cássia Lima

*²Se essa rua, se essa rua
fosse minha, eu mandava
eu mandava ladrilhar
com pedrinhas
com pedrinhas de brilhantes
para a minha
para minha Dora passar...*

Naquele sobradinho... Eu nasci em Mucugê, onde Antonieto Medrado morava, de junto daquela casona grande que era de minha mãe, de meus avós. Nasci no chalezinho que vai pra feira. Sabe? Nasci ali. Minha mãe tinha pouco leite, então pegou uma senhora do Campo Limpo pra me dar de mamar. Libânea era o nome dela. *_Vou pro riacho pra tomar banho. Ave Maria! Dar de mamar à Dora sem tomar banho?*

E o peito que eu mamava, o filho dela não mamava. Era um meu; outro, do filho dela. Até chegou numa certa idade Libânea me desmamou. Ela morava sempre lá no Brejão. Depois em Mucugê mais minha mãe. Depois

2 Paródia feita com uma modinha de domínio público.





quando a minha mãe foi pra São Paulo. Depois pra Salvador moramos sete anos com o meu avô, meu bisavô, minhas tias, meus tios, tudo, era Iracema, era Olga, era Julieta, era Corina e o meu pai de criação chamava Oto Santos Silva. Tem um túmulo lá em Mucugê. Tá até o endereço dele aqui. É um túmulo grande, tem uma cruzinha assim, assim em cima. Ele tá sepultado lá.

A passar do tempo, lá de Salvador, aí, não deu certo. Por que meu avô, o pessoal começou a, como é? Haaaã... a firma dele, roubaram a firma dele. Ele se aborreceu, por que ele era Coronel em Mucugê. Tem até hoje a foto dele na Prefeitura. Coronel Propércio. E tem rua com o nome dele: Rua Coronel Propércio!

Por lá, por Salvador, depois disso, moramos na Calçada. 9 era o número da casa. Ou 29. Um casarão malassombrado...





17. Um casarão malassombrado

Gésia Cássia Lima

Era uma coisa assim. Um casarão malassombrado! A casa não era suficiente para ninguém morar. E disse que era lugar de bandidagem nesse tempo. E tinha o lugar da forca. Um sobrado enorme. Escuro. Um portas altas e tinha um sótão sem ar, lá embaixo, com uns quartinhos dividido. Mas a gente não descia. Embaixo tinha azulejos... Um manchas de sangue. Eu nunca tinha visto nada daquilo em minha vida. Não sei como a gente foi se parar ali. Coisa estranha às vezes acontece na vida. Conheci essas coisas tudo em Salvador. E tinha uma cisterna seca. Um bocado de ossos ali dentro. Não sei se era de cabeças, braços ou de perna... Depois, com muito conhecimento, chegavam os vizinhos e falavam: *_O Senhor mora aqui nessa casa? Essa casa, família nenhuma mora não. Ela é malassombrada. O povo vê coisa. Desgosta de morar nessa casa.* O Casarão foi demolido no passar dos anos. Não existe mais ele. Meu avô pegou mudou pra outra casa. Depois pegou morrendo as filhas dele Olga, Julieta, Iracema... Iracema era professora e não tinha licutixo com ela!





18. Iracema era professora e não tinha licutixo com ela!

Gésia Cássia Lima

Só andava igual um brinco, Iracema! Mas não tinha licutixo com ela. O que eu sei hoje foi ela quem me ensinou. Ô profissão bonita: Professora! Era tão inteligente! A beleza da pessoa tá nos modos. Até como sentar à mesa, usar o garfo e a faca foi ela quem me ensinou. Tudo isso foi Iracema. Como arrastar a cadeira da mesa... Levanta a cadeira com cuidado, não puxa. Até como é que eu recebia uma pessoa... Recebia muita gente. Mandava eu receber. Naquele tempo não tinha água encanada. Era um banco assim comprido e as bacias tudo aí. E no cabide tinha as toalhas, sempre limpas, alvinhas. A pessoa botava água, lavava o rosto, lavava as mãos...

Você sabe receber uma pessoa? Num pode ser de qualquer jeito.

Sabe? Eu sinto saudades! Esse coração velho não para de lembrar... Saudade do Major Guilherme e Dona Candinha.





19. Saudade do Major Guilherme e Dona Candinha

Gésia Cássia Lima

Ibicoara. Onde moravam umas pessoas muito importantes pra minha família, Major Guilherme e Dona Candinha. Nunca esqueço deles. Então, minha filha que era viva nesse tempo, marcava o passeio que vinha, tinha que empenhorar meia e vestido, sapato e tudo. Não podia ficar de chinelo, não, pra receber Seu Major Guilherme e Dona Candinha. Era um casal que combinava. Não é bonito quando um casal combina? Minha filha vinha montada num negócio chamado *cilhão*, uma cela de lado. Vinha montada numa cela de lado pra receber esse pessoal. Quando batia as palmas na porta eu dizia: *Vamos entrar. Minha tia tá aqui.* Eu que tinha que botar água pra esse pessoal lavar o rosto, lavar as mãos... Chegar chamava Tia Cora. Ela morava com Dr. Gama. Dr. José Gama que era médico da família. Minha mãe gostava de ficar na casa desse médico, por que não gostava de ficar na roça. Tenho a foto dele até hoje.

E quer saber como era a minha lida no Brejão?

Ah! Meu candeeiro de prata!





20. Ah! Meu candeeiro de prata!

Gésia Cássia Lima

Lá no Brejão não tinha luz, não tinha água, não tinha estrada. Nera? Quando chovia era aquela lama que atolava as pernas. Eu já tava morando aqui e a minha filha morando lá. Eu botava uma trouxa na cabeça, a capanga do lado e vinha sozinha e Deus. Eu chegava lá, gostava muito de levar o candeeiro. Chamava *candeeiro de prata*, redondo assim e com aquele tubo. Enchia de querosene. Botava na sala. Eu gostava de luz! Eu chegava lá e, vixe, que escuro é esse? Eu levava mais de meia garrafa de querosene. Ela tomava banho era no córrego. Depois foi indo, foi indo e eu comprei uma bacia. Uma bacia de alumínio assim, grande. Botava o pano debaixo. Igual o médico de Mucugê. Ele tomava banho era assim! Não tinha negócio de luxo de chuveiro não. Não tinha nem caixão! Nunca se é como era.





21. Nunca se é como era

Gésia Cássia Lima

*“É vem à guarda do dia! É vem a Virgem Maria!
É vem a Virgem Maria! Dois anjos da guarda vai ser sua
companhia”*

A pessoa que morria não existia caixão. Chega tá vendo esse moço que morreu hoje? Ele era meu amigo. Eu hoje fui lá no velório dele. Tem 15 dias que a esposa morreu. Morreu ele hoje. Joaquim. O pai dele chamava João Mocó. Tinha uma rede de carregar o corpo quando o povo morria. Enfiava a rede num pau e botava o morto ali dentro. Enrolava na rede. Caixão nem nada nessa vida. Seu João Mocó emprestava a rede pra enrolar o corpo do povo. Chegava botava o morto na cova e devolvia a rede pro dono. Se tivesse esteira bem. Senão jogava assim mesmo. Quem tinha aquelas camas de lastro, arrancava as tábuas e fazia assento do caixão. Forrava de pano azul e botava os emblemas de estrelas, umas cruz, que Lili Careca, que era meu amigo e meu compadre, ajudava. Tinha hora que o freguês ficava com a bunda do lado de fora. E eu digo com certeza, que eu via! Eu era jovem. Meu tio não queria que eu visse essas coisas. Me puxava pela orelha, mas





eu via. As tábuas com as varinhas dos lados. O travesseiro do defunto era de folha de laranja, arrufando daqui, arrufando dali. E agora, pra levar esse caixão? Como era?

Pegava uma escada e amarrava as tábuas. Os homens gritavam: *Socorro! Socorro! Tá pesado! Vai cair. Acooode!* E os homens se juntavam e ajudavam a carregar o defunto. Era nesse lugar chamado Baixão. Quem tivesse uma cama, o falecido ficava deitado lá, com um lençolzinho; quem não tivesse deitava nas tábuas mesmo.

Rapadura. A gente comia pedacinhos de rapadura no velório. Não tinha açúcar de hoje. Uma farofa. Era um caldo. Era café. Dependendo da condição do velório, era até vinho. Mandava o portador sair no cavalo, gritando de porta em porta, avisando: *Fulano morreu! Fulano morreu!* Era. Se fosse no Brejão avisava no Baixão, na Pedra Branca, Muquiba que fica pra lá de Mundo Novo um pouco. Onde Guegué e Dodinha morou. E por aí...Saía avisando.

Mucugê morria uma pessoa e lá tinha duas bandas muito bonitas: *Vinte e Três* e a *Lira*. Quando uma pessoa morria, se combinasse, quisesse uma música, a banda tocava uma marcha fúnebre. Aquela banda bonita, acompanhando o corpo! Um ritual bonito. Era assim. Vinha tocando já distante da casa. Coisa mais bonita!... Nunca se é como era.





A noite toda. Um banco do lado de fora. Um litro de cachaça assim. Os homens serrando a madeira pra fazer o improvisado do caixão e bebendo cachaça. Aí agora a rezadeira. Eu já rezei muito. Amanhecia rezando. Era cada Bendito. Quando era a rompida do dia, a gente rezando pelo Bendito. *É vem à guarda do dia! É vem a Virgem Maria! É vem a Virgem Maria! Dois anjos da guarda vai ser sua companhia.*

Eu não tocava nada, nem pandeiro eu sei tocar. Dançava era muito...





22. Dançava era muito

Gésia Cássia Lima

...Era muita festa. *A Ciganinha*, fantasia vermelha, toda de fita assim, né? Chapéu de palha bonito – era *A Ciganinha*! Tinha muitas festanças. No Brejão, uma comadre e afilhada minha, fazia uma festa pra ninguém botar defeito. Era assim de gente, ói. Eu dançava essas tudo! Zélia, muito minha amiga, tudo quanto é coisa ela me botava. Me botou como a Rainha dos Reis. Tinha uma bandeira, e eu sentada nessa cadeira, com um xale bonito assim e a bandeira de junto. É uma coisa importante.

O bumba e a gaita teve toda a vida. Lá no Brejão eu não perdia um. Era arroz vermelho e aquele peixe. Aqueles pratão de peixe e de piranha. E, aí agora, o bumba batia até não sei quantas hora da noite! Acendia os cadeeiros tudo desse jeito. Eu chegava a pedir pra eu fazer a folia!

Agora mesmo eu vesti uma blusa vermelha e a saia amarela, toda de lantejoulas. O Padre Marcos que me deu, meu conterrâneo de Mucugê. Botei um laço bonito de festa, um bocado de colar. Vesti uma calça e um xale, por causa do frio.



Foi o Prefeito Arnaldo quem botou o nome DORA AGUIAR numa rua. Tudo que eu queria, qualquer coisa, eu me apegava a ele. Toda a vida...





23. Toda a vida

Gésia Cássia Lima

Era assim que ele dizia: *“Foi Dora quem mandou? Eu vou fazer”!* A minha palavra era de honra e a de Arnaldo também. Ele me arrumava até banda pra eu fazer as minhas festas. Era uma beleza. Até hoje o povo se lembra disso. O palco o que era? Um caminhão. Aqui não tinha quase nada. Eu ia pra Barra da Estiva e levava um tambor de alumínio grande assim... De lá eu trazia a carne, de lá eu trazia o frango, de lá eu trazia o toucinho, de lá eu trazia o feijão. Pagava pra trazer. Eu cortava tudo, arrumava tudo pra não perder, por causa do calor. Era mês de outubro. Convidava umas mulheres pra me ajudar e eu só ficava mandando. Faça isso, faça aquilo. Organizando tudo. Botava o panelão grande de feijão pra cozinhar. Fazia aquela fornalha e botava o pote de feijão, desse tamanho, com as carnes dentro. O perfume do feijão se espalhava. Quem chegasse na esquina sentia: *É o feijão de Dora, diziam!* Zuleide ia com a mãe dela. Adorava. *Eita que vou comer esse feijão até me acabar!* Ela amava! Botava um mói de arroz, as carnes. E reservava as panelinhas do feijão para o pessoal que tocava na banda, pra mais tarde. Eu deixava os pedaços de lombo para mais





logo. Na hora que desse o apetite deles. Eu fazia vinho, outra hora eu fazia licor. Quando dava perto da meia noite, tudo quieto. Eu dizia: *Por que tá tudo quieto assim? Perinda que eu vou animar vocês.* Eu dava comida a todo mundo. Minha alegria era ver o povo encher a barriga! Bebida se tivesse. De porta em porta, eu pedia uma ajuda. Cada um dava o que podia. *Só tenho dois Conto, Dora. Dá? - Bota pra cá!* E a festa era bonita! Pedia Polícia, Polícia ia. Arnaldo me dava a Polícia. Quando era pra mais de meia noite o pessoal queria ir embora. Eu dizia: *Ir embora agora, não! Tá cedo ainda!* E esse povo não esmorecia, nem arredava pé! Quando acabava tudo eu lavava tudo, pegava bucha e Bombril lavava as panelas, as meninas me ajudavam. Era o galo cantando e a gente lavando e limpando as coisas tudo. Eu bebia um bocadinho de vinho pra me alertar e dava um pouquinho às meninas pra se alegrar na labuta. Eu ficava descachimbada.

O marido não se incomodava que eu dançasse quando eu era moça, mas só podia dançar sozinha ou com mulher. Com homem ele não gostava. Mas ele podia dançar com mulher. Mas depois que ele morreu, eu tirei o sarro! Dancei foi pra me acabar com homem, com quem eu quisesse... Ninguém nunca que me desrespeitou. Quem tava era doido?





E eu, Gésia Cássia, peço licença aqui, para dizer que morei na Rua Dora Aguiar, no ano de 2017 a junho de 2018. Na ocasião, sequer imaginava em escrever sobre a mulher que nomeava a minha rua. Maravilhosas curvas do acaso.





Capítulo IV



24. Isso é coisa pra menino

Gésia Cássia Lima

Dedicado à amiga e Professora Marisine Neves dos Santos – Sou apaixonada por sua simplicidade, amabilidade e espontaneidade, Zene!

“Futebol pra mim era isso: um espelho da vida”!

Marisine Neves dos Santos



Um café passado na hora, servido com sorrisos e um pedaço de bolo, de preferência aipim, da Confeitaria Cleia. Vez em minha casa; outra, na dela. O açúcar tá meio alto, mas não é o fim do mundo – é só uma vez na vida! Pronto. Pensei. A nossa tarde estaria eternizada pela leveza de nossa própria amizade. E uma chuva de brisa a refrescar a nossa conversa. Claro que todas as mudinhas de samambaias, flores e suculentas já haviam sido devidamente providenciadas. No fim do dia, as plantinhas ganhariam um novo lar – tomara que gostem da mudança. Zene tem uma mão boa pra fazer mudas. Um galhinho que seja, uma folha fincada em qualquer lugar, se ela toca, nasce. Parece *Tistu*, “o menino do dedo verde”. Já ouviu falar? Aliás ela é uma daquelas pessoas que faz a hora voar.

Um dia encontramos vários galhos jogados no chão, de uma buganvília branca, porque uma senhora tinha podado a sua árvore. Dividimos os galhos. Todos os de Zene vingaram sem indecisões. Eu prestava atenção em como ela plantava, talvez eu tivesse o dom, mas precisasse aprimorar. Às vezes acerto. Nessas tardes a gente conversa sobre plantas, filhos, escola, plantas, plantas, saúde e plantas. Numa delas falamos sobre futebol. Eu entendo muito pouco de futebol. Porém a minha amiga já foi uma grande zagueira, driblando, também, o preconceito da época.





—Naquele tempo futebol era coisa de menino. Mas eu com meus 13 anos, já dava um jeito de jogar uma pelada. Escondido eu pegava o mesmo kchute da escola para ir jogar bola. Não podia jogar descalça, porque furava o pé; de chinelo, quebrava as correias. E outro, eu não tinha. E, aí, era uma surra! Os meninos, certos de que aquele jogo pertencia somente a eles torciam o nariz quando a turma de meninas chegava de fininho pra jogar. O horário melhor ficava sempre com eles. Era um privilégio quando os meninos deixavam até 3 meninas jogarem com eles, quando faltavam jogadores. Sempre eram as mesmas: eu, Gilma e Vanuza. A gente arranjava short emprestado, sapato emprestado. Se virava. Mas jogar fora de Ibicoara era coisa quase impossível para as meninas. Eu ficava com uma vontade doida de jogar em João Correia, Barra, Jequi... Pai e mãe não aceitavam: “Isso é coisa pra menino”! Cansei de ouvir.

Interessante que não estamos falando de tanto tempo passado assim. Que bom que as coisas evoluíram. Os homens não precisam temer as habilidades femininas, apenas respeitá-las. Tem espaço para todos os talentos.

—Até hoje lembro do arrepio. Desejo de vencer. Eu me sentia uma guerreira driblando, travando uma luta pra ganhar. A sensação de decidir uma partida num único chute. Isso era demais! A gente brincava de ser feliz. Quando





se corre num campo não se pensa em outra coisa a não ser vencer! Não pode dar mole, vacilar. E tem a arte do jogo. O saber fazer. Quem quer ser perna de pau? Quem não prestava para driblar ficava na posição de goleiro. E quem prestava, ia para o meio de campo ou seria atacante. Quem era mais rápido ia pra ponta. Em verdade os mais velhos, por experiência, decidiam as posições. Era assim que funcionava. Eles iam vendo o desempenho de cada jogador, no nosso caso, jogadora. Por exemplo, tinha aquele ou aquela que ia pra frente do gol e fazia o gol, toda vez que a bola ia pro ataque, fatalmente essa pessoa seria um centro avante. A gente treinava, se preparava como podia, como desse. E em minutos, segundos o jogo podia mudar. Futebol pra mim era isso: um espelho da vida!

(22 de maio de 2022)



Capítulo V



Respeito se conquista Gésia Cássia Lima

“Respeito é que nem admiração, não se impõe, se conquista”!

Arnaldo Silva Pires

O Capítulo V, textos 25 e 26 estão dedicados ao casal ¹Arnaldo Silva Pires e ²Vânia Mércia Araújo Pires – por toda a admiração e respeito que conquistaram por todos que os conhecem.

-
- 1 **Arnaldo Silva Pires** – Nasceu no Povoado de Paraguaçu, em Barra da Estiva. Prefeito de Ibicoara por três mandatos: 1997 a 2000, 2000 a 2004 e 2013 a 2016. Nos anos de 2005 e 2006 atuou como Secretário de Obras e Infraestrutura.
 - 2 **Vânia Mércia Araújo Pires** – Primeira Dama de Ibicoara. Secretária Municipal de Assistência Social de 1997 a 2003. Secretária Municipal de Educação de 2004 a 2007.



25. Mina de ferro

Gésia Cássia Lima

Descobriram uma mina de ferro em Ibicoara! Lá pros lados do Buracão. Ferro de primeira qualidade! Uma empresa apareceu aqui, querendo explorar esse minério. Reunião marcada. Vieram interessados no assunto, de toda a parte, de Brasília, do IBAMA, CMBIO, todo mundo... A empresa se empenhou em fazer uma apresentação vistosa, impressionante. Impressionou! Tudo em prol de um documento de autorização do Município para a tal exploração. Sem ele, nada feito. Falaram, falaram, falaram. Secaram a garganta de tanto falar. Ibicoara estava apreensiva: O Prefeito Arnaldo assinará esse documento, afinal de contas? Queria saber! Aqueles que o conheciam bem, apostavam que não! Mas intimidados pelo palavreado cheio de “SS”, argumentos e promessas de progresso, silenciavam-se. Foi nesse momento, em que o Prefeito Arnaldo empossado de seu costumeiro bom senso murcha o sorriso estampado da cara dos representantes do progresso, ao dizer:

– O ferro é importante para o avanço tecnológico, quem pode negar? Mas a nossa amada Ibicoara agradece as cifras apresentadas pelos senhores, porém diz NÃO a elas! Como





ficariam a nossa fauna e flora inteirinhas? E a nossa Cachoeira do Buracão? O Turismo alimentado pelas belezas naturais do Parque? Quem pode negar que a extração do ferro não traga impactos ambientais?

As normas de segurança tão defendidas pelos senhores da Capital lutaram com unhas e dentes para parecerem convincentes e vitoriosas. Entretanto depois daquele show de *issos e aquiloos* a favor da exploração do ferro, diante de nenhuma contestação dos presentes ibicoarenses, Arnaldo, conhecido por ser franco e direto, seguiu em seu raciocínio:

_ O prefeito não é eterno, COMIGO VOCÊS IRIAM CUMPRIR as normas todas apresentadas, mas e o próximo? A mina de ferro traria emprego e milhões. Mas o Turismo, se bem planejado, nos trará ainda mais, desde que, também, a gente não agrida a natureza, nem permita que ninguém o faça. Então, considerando os benefícios e malefícios, Ibicoara diz NÃO. E esse NÃO é inegociável!

Nesse instante foi um olho atravessando o outro. Ninguém precisava dizer mais nada.





26. Fazer vale mais que falar

Gésia Cássia Lima

No tempo do Prefeito Adélio, lá no Alto do Cemitério, ele conseguiu 50 casas populares, para as pessoas menos favorecidas financeiramente. Porém a empresa envolvida não cumpriu o acordo, doando apenas alguns blocos e outros poucos materiais para àquelas pessoas. Então elas improvisavam construções acanhadas, feitas de qualquer jeito, do jeito que desse. Não havia energia elétrica, nem água encanada. O lixo era a céu aberto. Então, depois, na gestão do Prefeito Arnaldo, Vânia - a sua esposa, doava a água de sua casa para os moradores do Alto do Cemitério, era fila. Mesmo antes de ser eleito prefeito, Arnaldo fez mais de 28 obras assistenciais para a população carente de Ibicoara. Uma delas foi abrir valetas beneficiadas com canos, juntamente com voluntários ibicoarenses; benfeitoria conseguida junto ao Estado da Bahia. Já empossado, o lixo era coletado e depositado a 6 Km da Sede.





E sobre o caso de não ter mais onde enterrar gente? O jeito era fazer uma reforma no pequeno cemitério, ampliá-lo. E por falar em cemitério, caixão não existia por aqui. Improvisavam-se tábuas, lastros de cama, o que se achasse no momento do velório para, ali, o falecido ser enterrado. A Primeira Dama do Município – Dona Vânia era quem dava o banho nos defuntos e nas defuntas. Medo? Medo de quê? Em todo velório lá estava ela atendendo o ofício que ninguém mais se dispunha a realizar. As roupas, às vezes, que ela vestia neles era a de seu marido, e nelas os seus próprias vestidos. Escolhia a peça mais bonita que tivesse que era para o morto ser enterrado com a dignidade que ele merecia, pois muitas vezes, a carência era tanta, que ele não tinha nada para vestir. Também, ela vestia os “anjinhos”, oferecendo seu ombro para a mãe chorar. O afeto estava onde ela estivesse!

Era ela quem ajeitava uma merenda, alguma coisa para se beber no velório. Providenciava tudo. E não tinha hora do dia ou da noite que ela se recusasse a atender uma pessoa necessitada de sua ajuda. Jamais proferiu um resmungo por isso ou fez cara de contragosto. Fazia o que precisava ser feito, sempre! Como diz o ditado: “fazer vale mais que falar”!





Quantos chegavam para passar um dia, ficavam um mês em sua casa? Outros, para passar um ano, ficavam quatro!

Pois assim foi: Diante daquelas improvisações todas, Arnaldo conseguiu um fornecedor de caixões fora do Município e doava a quem não pudesse pagar por um. A maioria não podia mesmo. São histórias que habitam as memórias do povo ibicoarense e que não podem morrer. Seja pela sua peculiaridade, seja por nos causar tanta reverência, admiração e espanto. Não é sem mais nem menos que até o dia de hoje, o Prefeito Arnaldo é reconhecido e respeitado por todos, independente de sua classe social ou partido político. Ainda há quem se lembre da música que o povo cantava à Vânia quando ela passava pela rua:

*Vânia que bom saber
Que o povo humilde
Gosta tanto de você!*





Capítulo VI

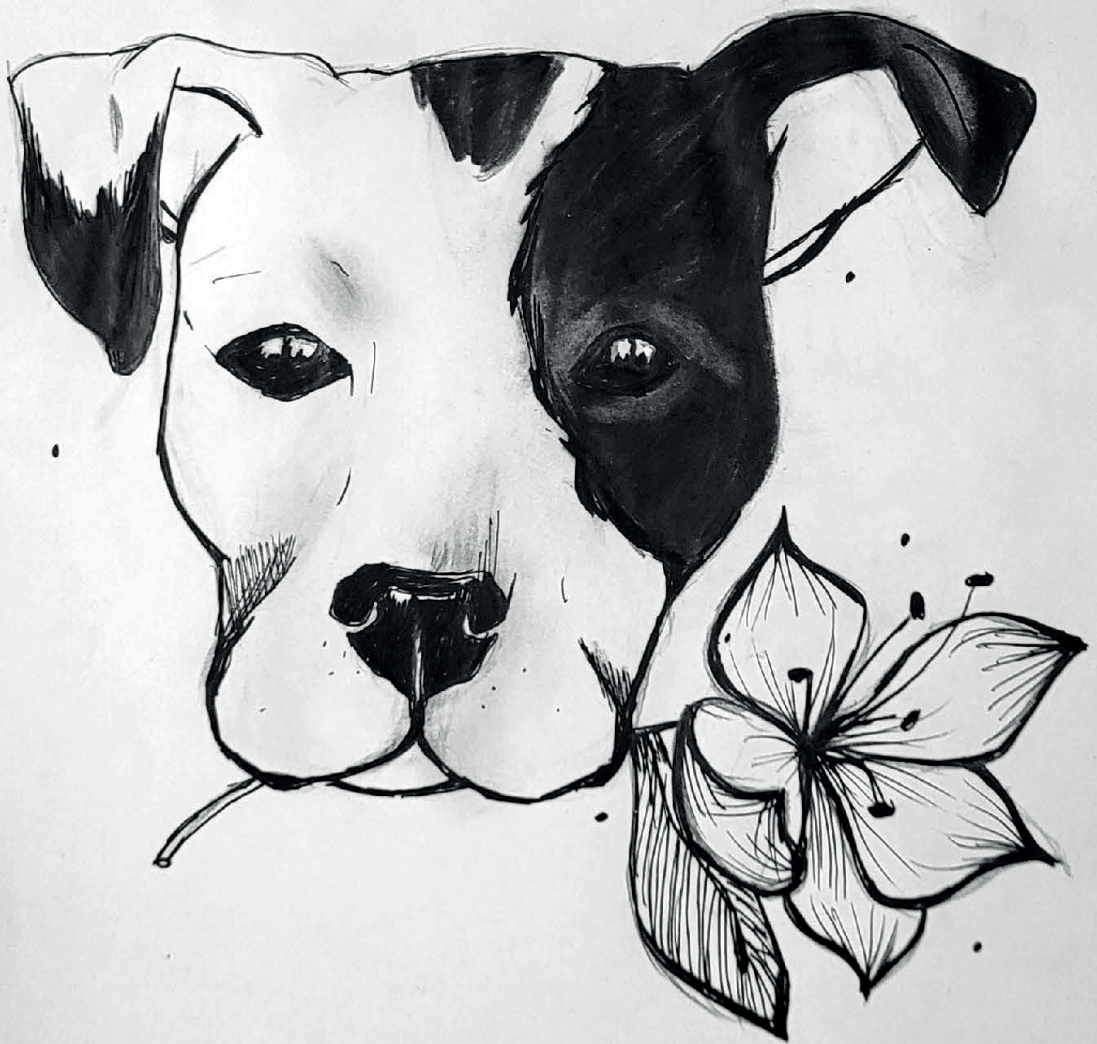


Gésia Cássia Lima

“As flores murcham de saudade”

Tininha das Flores

*O Capítulo VI, textos 27 e 28 estão dedicados à amável
Edenise Cardoso de Alcântara – Tininha das Flores*





27. Pipoca

Gésia Cássia Lima

Eu não sei dizer por que algumas coisas de ruim acontecem. Por que tanta coisa se perde nessa vida. E o que a gente pode fazer? Nada! Só se conformar. Às vezes dá raiva tanta conformação.

Eu perdi o Pipoca.

Pense num cachorrinho vira-lata branquinho, troncudinho, uma manchinha preta na cara. O troço mais lindo de minha vida! Parecia gente de sabido. O nome dele devia de ser SABIDO! Entendia tudo que a gente falava. Onde eu ia, ele ia rebolando atrás me seguindo como sombra. Decorava a minha trabalhadeira de todo dia. Acordar, primeiro de tudo dar bom dia as minhas plantas, depois cuidar da casa, lavar roupa... Ele até me ajudava nisso tudo. Ficava lá quarando junto com a roupa...Eu e ele já conversava! Eu falava do que queria... Dizia uma coisa, ele latia me respondendo na hora! Você acredita?! Achava era graça daquilo! Contando ninguém acredita!

Abanava o rabinho quando estava feliz. Vivia com o rabinho abanando. Fazia amizade com todo mundo dessa Januária da Canjerana.





Ô natureza boa Pipoca! Se a metade do mundo fosse
que nem ele, o mundo era outro mundo melhor!

Amo de paixão meus copos-de-leite, minhas plantas...
Mas ele vinha em primeiro lugar! E copo-de-leite morre
um e nasce outro. A gente não chora a flor que foi colhida
pra enfeitar o vaso. Um bicho de estimação não. Por mais
que se ache outro, nunquinha será o mesmo!

Um dia, de repente, escutei uma gritaria!

_Tininha! Tininha! Pipoca morreu!

Aquilo me pegou sem aviso. Apertou o meu peito.
Tremeu as minhas pernas que nem vara verde. Quis cair.
Me deitar no chão. Dormir e acordar daquele pesadelo.
Essa Januária da Canjerana nunca ficou tão triste! Quem
já viveu um pesadelo assim, sabe! Num piscar de olho tudo
muda... Deus te livre!

O meu Pipoca pegou no sono debaixo de um carro.
Por que você dormiu fora de hora, Pipoca?

O carro atropelou o bichinho que estava sonhando
bem debaixo da roda, tadinho!

Que sono pesado foi aquele, Pipoca que tu nunca mais
acordou?

Oh! Dor!







28. Os copos-de-leite de Tininha

Gésia Cássia Lima

Sombra e água fresca

Sim!

Sem isso, recusam-se a florir!

Seu branco é tão branco...

Copos-de-leite!

Flores, pureza, encanto...

Parecem sorrir!

As noivas ameaçam: Só caso se
meu buquê

tiver copos-de-leite!

Igreja e Salão

Tudo ornamentado...

Senão, caso não!

Os canteiros de Copos de Tininha
são os mais bonitos dessa Januária da Canjerana

Esbelta e elegante

cada flor

exibe uma harmonia intrigante!





O verde claro de seu caule em contraste
com o escuro de suas folhas
Deus pintou cada uma delas
Tão belas!
Pétalas aveludadas num contorno delicado e exuberante.
Era eu aparecer por lá,
Tininha me oferecia quantas quisesse levar!
Eu ficava encantada com aquilo. Quantas pessoas te oferecem
flores?
Há gestos que dinheiro não pode comprar!
Ainda mais tão lindas como os Copos – Não posso negar!
O ouro – miolo da flor
Representa riqueza, sorte, amor!

_Falta muita água por aqui! _ Lamenta ...
Meu Copo tem sede!
Que pena!
O jeito é aproveitar
a água dos pratos lavados
que escorre da mangueira da pia
pra regar...

Agora mesmo escrevo essas linhas
olhando o buquê, presente de Tininha!





“As flores murcham de saudade”...

Mas não vou lamentar

Pois a memória serve para isso:

Guardar afetos, pessoas, lugares

A memória é uma fotografia à prova do tempo.

Fica tudo lá. Um filme a se revelar!

Num lugar secreto, até que um dia

a gente decida contar!...





Capítulo VII



O dom dele era aquilo

Gésia Cássia Lima

*Dedicado ao Dr. Sebastião José Domingues – Tião Domingo
(In memoriam) e seus admiradores*

*Texto resultante de uma conversa informal, com o Sr. José
Domingues - Zé Bumba, filho de Tião Domingo, na calçada
de minha residência, em Ibicoara, no dia 23 de maio de 2022.*



29. O dom dele era aquilo!

Gésia Cássia Lima

A Fazenda Aracuã foi o berço de Sebastião José Domingues. Àquele que faria mais de 800 partos em Ibicoara e nos municípios circunvizinhos: Mucugê, Barra da Estiva, Ituaçu, Iramaia, Jussiape e onde mais o chamassem... Morreu aos 91 anos de idade, farto de dias. Deixando um nome a ser zelado, respeitado e pronunciado com agradecimentos. Quantos podem partir, deixando tão grande legado?

– Chamasse qualquer hora, ele atendia. Debaixo de chuva, trovejo, dia ou noite ou madrugada. Agarrava a sua capa, suas ferramentas de trabalho e ia. Era tanta coisa que meu pai fazia. Desde moderno! Era gente de perna quebrada, pé quebrado ele encanava com umas talinhas, assim, assim, tipo uma esteirinha... Punhava no jeitinho, não ficava nenhum defeito. Por que o gesso não existia. Tirava pau atravessado no corpo da pessoa. Tumores... Ali ele rasgava, costurava e tudo dava paz. Daqui a pouco, uma criança enfiava um feijão no ouvido, outra vez no nariz... Até isso ele com uma pinça ia levando devagarzinho e conseguia tirar! Muitas delas hoje, já têm netos e bisnetos. Nunca aceitou um centavo por sua





medicina. Quem tinha alguma condição dava de presente um leitãozinho; quem era mais fraco, dava uma galinha, uns ovos caipira, um agradozinho que ele aceitava pra não fazer desfeita... – Narrava Seu José Domingues ou Zé Bumba - o filho cheio de admiração.

Farmacêutico por intuição, vocação ou necessidade que exigia, Seu Tião se aprimorava em atender o povo. E eu segui escutando atenta as palavras cheias de veneração de Seu Zé:

... Perdia tempo dele pra vender um remédio, pra ler aquela bula todinha ali. Lia, explicava: ‘Oh! Você toma assim, assim. Esse remédio é isso e isso’... Pra pessoa não tomar errado. E muita gente hoje aqui é prova. ‘Óia! Foi teu pai quem me salvou! Se tô vivo foi Tião Domingo, abaixo de Deus’... O dom dele era aquilo. O povo falava: ‘Ê, Seu Tião, eu tô nessa situação aqui e não tem mais remédio, não tem mais médico. Acode eu aqui, Seu Tião! Não sei como aquilo: Ele passava o remédio e a pessoa salvava! Coisa sem explicação...

Palavra por palavra. Houvesse uma desconhecida, ia para o dicionário pesquisar. Na época não existia o *Google* e, seu velho livro tradutor das palavras difíceis seria seu companheiro, juntamente com um livro de medicina que, segundo o seu filho Zé Bumba, era “mais grosso que um palmo de folha”.





– Ele varava as noites lendo esse livro de medicina. Lia, relia e ia gravando, para que aquela folha ou planta servia, para que aquele remédio outro servia... E ensinava também, a quem quisesse saber. Não guardava só pra ele. Difícil era alguém fazer igual!

À medida que Seu José falava seus olhos brilhavam não sei se de saudade, mas de admiração estou certa. Ele queria dizer muitas coisas. Senti uma certa angústia da parte dele diante da possibilidade de não conseguir me contar o que para ele seria o essencial a ser dito. Por que acontece isso quando desejamos falar de quem amamos. Parece que as palavras se escondem ou são ineficientes.

– Eu vou lembrar mais coisa... – Insistia em dizer.

E lembrou:

– Que eu tenha conhecimento foram 16 filhos frutos de dois casamentos. Eu, José Domingues, nasci do primeiro. Só teve uma filha dele que conseguia fazer parto, de nome Isabel, já falecida. Depois que ele caiu em depressão muito idoso, ela chegou a fazer uns 10 a 15 partos sozinha. Os outros filhos nenhum teve a condição de alcançar o que ele soube! – Sentir um pesar nessa última frase.

– Tinha parto complicado demais. Teve um que eu me lembro, que ele disse: ‘Vou pedir um socorro pra me ajudar aqui’. Pediu um socorro ao Dr. Aderbal lá de Ituaçu e me mandou





buscar esse médico. Eu saí numa carreira. Um desespero. Os dois conseguiram desvirar aquele menino. Muitas vezes ele conseguia desvirar a criança dentro da barriga. Chegava a hora e o menino tava sentado, atravessado. Ele conseguia virar e botar esse menino na posição certa de nascer. Mas aquele era teimoso, não descia de jeito nenhum. E naquele tempo não tinha Cesário, era tudo parto normal. Ele tinha os ferros pra puxar... Eu não sei como era aquilo não.

Nesse momento, não sei se isso se chama coincidência, na porta da casa onde eu própria estava e morava naquela época, situada à *Rua Sebastião Domingues*, em Ibicoara foi passando uma amiga da área da Educação de nome Gildete. Passou bem na hora em que seu José narrava sobre as dificuldades dos partos naquele tempo. Então, ela diminuiu os passos, esqueceu a pressa do compromisso que a aguardava e lembrou com emoção estampada em sua cara, do parto difícil que sua própria mãe, Dona Geni havia enfrentado, sendo salva por Seu Sebastião Domingues. Detalhe: Ela falava de seu próprio nascimento.

Então por aqui é assim: todos se conhecem. A história de um abraça a do outro de alguma maneira. Elas se esbarram em algum ponto ou caminho. Parece uma colcha de retalhos formada por pedaços que expostos, cada um sabe qual é o seu. Quem vem de fora, principalmente das capitais





ou outro grande centro às vezes estranha essa intimidade nos assuntos. Essa intromissão nas histórias que parecem alheias, mas na verdade estão costuradas com a da própria pessoa. Esse saber de quase tudo de todo mundo... É preciso tempo no lugar para que se entenda isso. Compreenda que família tem dessas coisas. E Ibicoara é uma grande família formada pelos filhos nascidos através de centenas de partos que Seu José Domingues ajudou a trazer ao mundo, e por tantos outros trazidos por outras mãos – também, antes e depois dele.

A águia de pedra de asas abertas no cume do monte – ninguém sabe como ela pousou ali - vista em toda a Ibicoara é o símbolo da amizade e da família. Pois quem mais abre os braços para abraçar assim, senão amigos?

A águia está lá para lembrar a todos, filhos e forasteiros: sem memórias, sem o abrir os braços para acolher o outro seremos tão somente pedras disformes; úteis, apenas para causar tropeços.

“O dom dele era aquilo”. Qual é o seu?

O Sr. Sebastião José Domingues, também, foi vereador e prefeito de Ibicoara na década de 60. Foi tanto





voto que causou admiração! Contudo, segundo o seu filho José, seu pai foi deposto, em meados do mandato, à traição. – “A cobra mais peçonhenta não é a Jiboia. É a Tramoia! E esta ainda é mais pior por ser venenosa! Quem se mete com política deve se prevenir dela”.

O Sr. Tião Domingo não chegou a ouvir a oração-canção de Chico, mas a deixo aqui em homenagem a sua memória e em prol de nossa proteção:

*Deus me proteja de mim
E da maldade de gente boa
Da bondade da pessoa ruim
Deus me governe e guarde
Ilumine e zele assim...
(Chico César)*

Amém!







Capítulo VIII



30. Santinha Gésia Cássia Lima

*Em reconhecimento à vida difícil das “mulheres de vida fácil”!
A todas elas o nosso pedido de desculpas pelos fartos julgamentos
precipitados e injustos!*



O galo cantava, anunciando que o maldito dia nascia!
Quantas vezes passou pela cabeça dela cozinhar o bichinho. O que faria?

Prometia e desprometia. Viver ou morrer?...
Coitado do galinho!

Os retalhos rasgados de um sol fraco entravam pelos buracos das velhas telhas. Os gatos destelhavam o telhado em brigas de acasalamento.

Os gritos agitados assombravam seus pensamentos!
Chovia. Uma vasilha improvisada aparava a água que caía pelo buraco maior do teto de um cômodo só.

Qual humor o seu homem ia se levantar naquele dia? Só Deus sabia!

Quase sempre ele acordava, procurando briga. Resmungando. Caçando arrelia! Cuspindo, escarrando... Maldita agonia!

Por qualquer coisinha batia nos filhos. Era um panavê dos infernos! Ela intercedia.

Os gritos dos dois e das crianças e dos gatos eram ouvidos na esquina da rua!

Outra rotina era a panela nua!...

Dinheiro curto, mal dava pra comer. Às vezes ia pro rio lavar um mundo de roupa de ganho... Uns trocados fazer por merecer! As unhas roídas ficavam em carne viva





com a cândida! Batia, batia no lajedo lisinho. Lavava as brancas com anil.

Onde já se viu?!

Seu homem era um alcoólatra. Parecia um palhaço desmantelado e sem graça!

Uma desgraça!

Os filhos malafrajados. Aquilo cortava o seu coração.

Perdeu a sua identidade faz tempo! Perdeu a razão!

Vaidosa, o batom carmim era um toco que as colegas emprestavam, ou cediam quando não mais queriam.

Ela recebia uns agrados de solteiros e casados: Um corte de chita, uma conta de 10 contos na padaria, um leite pros meninos, 1 quilo de carne com osso no mercado... “Quem quiser falar que fale... *Quem tem telhado de vidro, não jogue pedra na casa dos outros.* Defendia-se. *Tomar parte na vida dos outros, pra falar o que é mal, todo mundo quer!* – Praguejava.

Santiiinha, sua puta, vou te dar na cara! – Gritava o marido para quem quisesse ouvir! Mal a coruja abre os zói, você já some de casa?

¹Santinha!...

Tu é minha! Tu é minha!

1 **Santinha** – O nome original foi substituído pelo codinome *Santinha*. Recebeu o prêmio de melhor poesia-realista, em 9º lugar, entre 87 outras, pela POIESIS, COGITO EDITORA/BA, em 2023.





Lascando o pedaço da carne como um rato,
preenchendo os buracos dos poucos dentes que ainda tinha.





Capítulo IX



31. Dona Menininha e a menina Biú

Gésia Cássia lima

Eu conheci Dona Menininha pelas mãos da menina Biú. A senhorinha era magra, lábios muito finos e um sorriso sem dentes mostrava a sua alegria.

Ela costumava matar o tempo sentada na porta de casa, pitando um cigarrinho. Sua casa andava igual um brinco, apesar de ser tão idosa e não ter quem a ajudasse. Acordava com o primeiro canto do galo e dormia com as galinhas. As veias salientes de suas mãos sob a pele enrugada



e fina me diziam como era difícil a vida na roça com a chegada da velhice. Ela havia se casado três vezes. Hoje estava cansada dos homens. *_ Entojei home, minha fia! –* Me dizia entre um riso e outro. Havia desistido de ter mais um, desde que o último sumiu pelo mundo, há quase 40 anos, a deixando com três filhos: José Maria, Maria José e Jeremias, este ela chamava de Gera. Estavam todos espalhados por São Paulo. Há meses ela não recebia notícias de nenhum. Minto. De Gera havia mais de três anos e meio que nem um sinal de vida.

Via-se nela uma mulher que um dia foi muito bonita. *_ E a beleza se foi junto com os anos, ela insistia! _* Mas foi nada! Seus olhos espertos e brilhantes, seu jeito acolhedor e disposto encantava. Isso é beleza. A vontade era ficar ali, naquela casa simples, de janelas verdes e paredes meio desbotadas. A sala exibia fotos antigas no alto da parede. Os filhos estavam nelas, ainda meninos, ainda tão perto. Também, estavam sua mãe e seu pai, ainda tão vivos!

Sentada naquele banco de madeira encardido pelos anos, sobre a pequena manta colorida de fuxicos a enfeitá-lo. Uma rede se embalava sozinha, embalada pelo vento. Mas pode vento fazer uma rede gemer daquele jeito?

O cheiro era de talco. Dona Menininha amava tomar banho de talco. Era um cheiro floral adocicado que





a minha própria memória trazia de não sei onde – Seria o Topaze, da Avon? Uma galinha com sua renca de pintinhos passou me olhando desconfiada, seguindo o seu caminho, mal humorada, cacarejando qualquer coisa. A tarde caía sonolenta e já estava passando da hora de Dona Menininha fazer a sua “sopa do nada”. *—Sopa do nada?* – Perguntei.

Era assim que ela chamava a sopa que inventava do que tivesse disponível na hora. Juntava os achados e lá aparecia a sopa quente e deliciosa feita do nada!

Mas quem era Biú? Biú andava solta pelo meio da rua. A mãe lavava roupa de ganho e tinha oito filhos além dessa pequena caçula. Biú bem conhecia Dona Menininha e a hora da *sopa do nada*.

Os nomes foram todos substituídos por codinomes.







Capítulo X



32. O ranger da rede – Kroote, kroote, kroote

Um alerta aos casos de pedofilia

Gésia Cássia Lima

O ranger da rede

E aquela tristeza

A menina sempre tão quieta e calada

Kroote, kroote, kroote



“Essa menina é estranha”
“Menina, levanta! Deixa de manhã!”
A noite era fria na madrugada
E a rede
Kroote, kroote, kroote

O cheiro da parafina
dizia que a vela já estava um toco, logo apagaria
A menina queria dormir para que um novo dia
nascesse
Quem sabe ela esquecesse
Tanto abuso e covardia.
Queria amanhecer o amanhã, mas ele chegava e
logo ia
E levava consigo a esperança de acabar
com aquela agonia
Guardava em segredo os malditos carinhos
que não queria!
Os dedos, a língua, os toques...
Aquele olhar...
Por que ninguém via?
Rangia os dentes
Kroote, kroote, kroote
Igual rede rangia





Medo em pandemia!
Ela tremia
Pensavam que era de frio
Quem dera!
No fundo do poço vivia
A quem confiar, falar, desabafar?
Você quer saber?
Saiba observar!
Veja os sinais
Chora-se por muitos ais!
Isso precisa acabar
Me esconda rede – Pedia
Kroote, kroote, kroote
Me faz dormir
Não quero acordar!







Capítulo XI



33. QUEBRA – hora do mói-d'água **Gésia Cássia Lima**

À gentil Professora Denise Oliveira



Lavadeiras no rio
Botam roupas pra quarar
QUEBRA – hora do mói-d'água
Está perto de chegar!
Eita! Que tem dente aberto
Doido pra festejar!
Nas roças de batata e café
não é diferente
Barriga ronca num repente
É sinal pra toda a gente:
QUEBRA – hora do mói-d'água
Se achegue, venha ver!
Todo mundo quer comer!

Cada mói feito de farinha, tomate
e ovo fervido, cozinhado em água
Alguns botam uma folhinha de coentro
Quando não, manjericão...
Não é servido quente, não!
Tem quem inventa
E taca pimenta!
Bolinhos feitos
na palma da mão!



O Quebra é a hora da merenda
Os móis não podem faltar!
Seja homem, seja mulher
Todo mundo vai querer
Óia pá tu vê!
Sem mói-d'água
É mais antes num ter!





Capítulo XII



Textos 34 a 40 - Enluarados

Aos apaixonados de Ibicoara

Gésia Cássia lima

Eu vou ir ao ESPALHADO
Tomar um banho de lua!
Me jogar naquele rio
Completamente nua
Te abraçar, te beijar
Cantando bem alto:
Sou tua!
Sou tua!
Sou tua!



Às vezes olho pra lua
E sinto dó
Tão cheia (de si)
Tão-só!

Cilada

Cochilo um sonho profundo
Beijo a tua boca calada!
A lua no céu
Parece cilada!

As nuvens parecem tão magoadas
Perdidas,
Desarrumadas
Tem coisa que não se traduz
A lua que míngua,
As nuvens brigadas...





Tantas luas
Planeta complicado esse
Quem pode habitar o amor
Sem se perder?
Ao passo que nos enche de gozo
Nos convida a sofrer!

Memórias enluaradas

Somos todos “meio-lua”
Ora minguante, ora crescente,
Ora tão cheia
E as minhas memórias enluaradas
Seguem fases
Num vaivém
Ninguém as tem!

Lua escandalosa me seguia
Brilhante, fascinada!
Parecia mulher no cio
Radiante, iluminada!







PARTE DOIS

AUTORES CONVIDADOS

1. Ana Karyna Dantas de Matos
2. André Rhomero
3. Cássio Antônio
4. Denise Silva Soares de Oliveira
5. Francisco Nascimento Aguiar e Silva
6. Fernanda Aguiar
7. Gardênia Oliveira Pereira de Lima
8. Gildete Aguiar Neto
9. Gilmadson Aguiar de Melo Júnior
10. Keyla Luciana Lopes Santos de Melo
11. Luciene Souza Aguiar – Lu de Tõe
12. Marta Aguiar
13. Mariana Mel de Oliveira Aguiar
14. Mariana Souza Santana Aguiar
15. Magno Aguiar Domingues
16. Maurício Leite Teixeira Júnior
17. Miguel Ângelo Louback Gonçalves Romero Franco
18. Roberto Gomes
19. Roberval Martins Aguiar
20. Sidnei Rocha Aguiar
21. Thayana Lélis Costa Aguiar
22. Wanda Gil



Capítulo XIII



Textos 41 ao 47 - Roberto Gomes

Ibicoara é terra que aquece os pés de quem a pisa. É lugar onde o sol brilha mais forte e põe-se da forma mais linda que já se viu. É território que aceita a chuva a molhar a terra e que faz o verde brotar nas montanhas e nos corações



de seu povo. Ibicoara cidade das cachoeiras atraentes, da diversidade cultural, das festas e folias que encantam quem aqui vem dar o ar da graça, respirar seu cheiro, admirar os seus atributos, provar de sua gastronomia, entre outras façanhas. Ibicoara que semeia os ventos da esperança e com generosidade acolhe a todos que desejam por aqui passar e, também, ficar. É nesse pedaço de chão, recheado de boas energias e luzes resplandecentes que escrevo os meus versos: humildes, serenos, delicados...

Roberto Gomes

Roberto Gomes – Professor, escritor e poeta. Formado em Letras, pós-graduado em LPLB, Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Autor dos livros *Provocações Poéticas* (2017) e *Palavras Indomadas* (2018).





42. Infância de verdade

Roberto Gomes

Que bonita infância tivemos
nos tempos de outrora
não havia internet
o que se tinha, conto agora
bola de gude, baleado
pega-pega, polícia e ladrão
as brincadeiras de antigamente
não se comparam as de hoje não
carrinho de lata, rolimã
anelzinho e chicotinho queimado
no escuro esconde-esconde
pra arrumar era namorado
televisão ninguém conhecia
as novelas eram nas calçadas
falar da vida dos outros
e ainda soltar gargalhadas
foi um tempo muito bonito
a vizinhança, feliz, partilhava





capanga à tiracolo para ir pro rio pescar
as varas e os anzóis dias antes arrumar
E em dias de lavar a roupa?
Íamos pro Rio de Fernando
passar o dia e tomar banho
nossas mães de pé gritando:
sai dessa água menino, sai porque estou mandando

Bate à roupa na pedra
maneira de a roupa limpar
se isso não resolver
põe também para quorar
o mormaço que o sol provoca
isso resolverá
foi um tempo de alegrias
apesar do duro sofrimento
a nossa infância vivida
só me resta lembrar dos momentos
tudo isso em Ibicoara
o lugar de acolhimento





43. Ibicoamar

Roberto Gomes

Ibicoara é cidade de valor
onde as serras encantam a vida
a natureza revela o amor
Ibicoara é terra garrida
faz-me feliz por seu esplendor
Ibicoara exala o amor
no coração da Chapada Diamantina

Ibicoara é buraco na terra
o barro branco que reluz o olhar
da cultura ao turismo local
seus caminhos a nos guiar
a natureza revela o amor
Ibicoara se abre em flor
Ibicoara é pra se alegrar

Aqui tem gente de boa fé
artistas que estão por cá
Capoeira, Circo Redondo
Sanfoneiros a forrozear





são gente de boa fé
artistas que estão por aí
cantores compositores
nas Trilhas do Licuri

Isso é Ibicoara
o melhor pedacinho de chão
para vir até aqui
não deixe de ir ao Buracão
as trilhas estão abertas
Ibicoara é paz e festa
É rumo certo e também direção





44. Cafezais em flor

Roberto Gomes

Ainda muito criança
na fazenda do Baixão
os cafezais todos floridos
enchiam os olhos e coração
a lida começa cedo
café maduro no terreiro
pra aumentar a produção

Mudamos para a cidade
para a vida melhorar
cafezais pra todo lado
todos na roça a catar
a medida era em baldes
é o sustento para si ganhar

Roça de seu Zé
e do filho seu Carlão
as quadras aladeiradas
o rio a cortar chão
quando é para bongar café
não precisa multidão





Para bongar café
o processo é prematuro
tem que separar o verde
e colher somente o maduro
o balaio na cintura
as mãos se movimentam
pegar café é uma aventura

Aqui em Ibicoara
por muitas roças passei
catava café, enchia o pano
sempre me dediquei
a luta nunca foi fácil
Trabalhar nunca neguei

Foi um tempo bom
um tempo tão delicado
meio dia o sol torrando
a chuva a molhar orvalho
nas terras de Ibicoara
nas roças de café
a vida era vivida
com trabalho e muita fé





45. Águas de Ibicoara

Roberto Gomes

Águas de Ibicoara
as cachoeiras, óia que lindeza!
Os rios correm a terra
conserva a vida, mãe natureza
as águas do Licuri
desbocam nas pedras
exibem beleza

Águas que recobrem o planeta
encharcam a terra faz o verde brotar
águas que nascem das fontes
são águas puras e estão no mar
água que mata a sede
que pena o homem, quer desmatar
Águas que das cascatas
exibem beleza, provocam emoção
estas vêm das nascentes
que fazem os rios correrem o chão
são as águas de Ibicoara
do Rio Preto ao Buracão





Águas da minha Chapada
de Ibicoara e toda região
águas da Fumacinha
da Cachoeira do Buracão
às águas do Rio Firmino
que enche os olhos
de quem pisa seu chão
Termino esse cordel
louvando a Deus
pela água que tem
a água é graça divina
sem ela todos nós morreremos
que fique a consciência
para que todos possamos cuidar
das águas que caem do céu
enchem os rios e deságuam no mar





46. Gringa: a Maria que amamos

Roberto Gomes

De todas as Marias
que nesta cidade habita
existe Maria de Gringa
pessoa querida e amiga
és Maria batalhadora
ela é mulher aguerrida
Sua história é de amor
e com amor criou seus filhos:
Daniela e Danúzia
Vanessa e Roberta
e o grande artista Danilo
William o último que chegou
Maria de Gringa é paz, é brilho
sua vida é de lutas
de vitórias gloriosas
veio para Ibicoara
cheia de fé, bem amorosa
na família de seu Arnaldo
encontrou o refúgio esperado
Maria de Gringa é paz
é um ser iluminado





Gringa é sua mãe
que ela cuidou com ternura
nas horas mais difíceis
soube amar com bravura
nas lidas que a gente tem
na vida que tanto quer bem
Maria de Gringa é cultura

Essa muié arretada
que de batalha a vida alcança
é ícone da nossa cidade
ela é perseverança
Maria de Gringa é amada
por todos da vizinhança





47. Praça de uma saudade

Roberto Gomes

Não era esse o nome
quando cheguei aqui
não havia asfalto e coreto
tampouco se tinha um jardim
O Alto era do Cemitério
um lugar discriminado
as casas eram bem poucas
e o povo vivia cansado
da dura vida sofrida
de serem marginalizados

O tempo passou depressa
a cidade começou a crescer
e o Alto do Cemitério a se desenvolver
era muita gente chegando
era a paz querendo nascer

As ruas foram se formando
a vizinhança fazia amizade
uns ajudam os outros
com atos de caridade
o povo aprendeu como é





sobreviver em comunidade
logo outro nome surgiu
é a Praça da Saudade
A água era escassa
fogão à lenha a labaredar
os feixes trazidos na cabeça
baldes de água pra sustentar
o povo era mesmo sofrido
porque a vida é só pelear

Recordo com tamanha alegria
quando chegava São João
em todas as casas fogueiras
bolo de milho, fubá e quentão
não tinha essas festas dançantes
o que havia era celebração

Depois de tanto tempo
na voz e no pensamento
as políticas públicas chegaram
e o Alto no desenvolvimento
neste bairro querido
de lutas e solidariedade
o Alto deixou Cemitério
e casou com a saudade





Capítulo XIV



Brincadeiras de antigamente

Gardênia Oliveira Pereira de Lima

Gardênia Oliveira Pereira de Lima – Mãe de 4 filhos. Professora. Natural de Ibicoara. Graduada e pós-graduada em Educação Física e, também, pós em Gestão e Coordenação. Residente do Povoado Pau Ferrado, em Ibicoara. Atuante na Escola Maria Rocha Miranda e Escola Professor Ricardo Silva Luz.



48. Brincadeiras de antigamente

Gardênia Oliveira Pereira Lima

*Olhando para o passado fica fácil perceber
Como éramos felizes sem mesmo saber
A simplicidade na forma de brincar
Amarelinha na calçada dava para pular
Nos dias de sol o futebol não poderia faltar
Mas na chuva, também, amávamos brincar.*

Tempo bom, minha gente, onde não ter dinheiro não era motivo para estar triste. Éramos felizes com o pouco que tínhamos. A imaginação transformava objetos da natureza em grandes brinquedos, pois os pedaços de pau encontrados no mato se transformavam em grandes e belos cavalos. Cada galope era uma viagem, por lugares fantásticos. Os retalhos de pano que sobravam das costuras eram transformados em lindas bonecas de pano, capas de super-heróis, de príncipes e princesas. As pedras encontradas no quintal de casa eram utilizadas para brincar de *Três Marias*. Também, poderiam servir de comidinha, para alimentar as bonecas de milho tiradas da roça.





Subir no pé de árvore e fazer de conta que lá era um grande castelo, onde moravam as princesas e os gigantes. A imaginação era o principal objeto da brincadeira. Porém brincar não era levado tão a sério pelas famílias, pois a quantidade de bocas para alimentar... Logo as crianças tinham que trabalhar. O jeito era aproveitar o trabalho e fazer dele uma brincadeira e, enquanto a gente ia lavar roupa no rio, o tempo da roupa quicar ao sol, aproveitava para dar uns mergulhos. A água ficava barrenta, mas a diversão era garantida. Era cada *tibum* que dava para ouvir as risadas de felicidade a quilômetros de distância. A ranca do feijão era uma festa só. As cantorias tomavam conta da roça, sem contar que na panha do café, o forró não era só cantado, mas dançado, também. Até a chuva era motivo de muita diversão. Os banhos nas poças formadas deixavam os cabelos duros como pedra. Sentir as gotas de chuva bater no rosto provocava a melhor das sensações. E nos dias de sol? Subir na árvore da casa do vizinho, para colher a fruta e sair correndo, com medo de ser pego era uma adrenalina, e o motivo de muitos joelhos ralados. Então a modernidade chegou e tudo isso acabou. As crianças não usam mais a criatividade para construir seus próprios brinquedos. Agora eles chegam em suas lindas embalagens. Os brinquedos de mentirinha deram lugar aos *smartphones*, *games* de última





geração. Os choros pelos machucados deram lugar aos choros e birras pela falta do celular e da internet. Os gritos que se ouvia durante o *pega-pega* foram substituídos pelos gritos, diante da falta de curtidas dos vídeos publicados no *YouTube* ou *Reels*. Ah! Esta nova geração não sabe o que é diversão. Quer saber como podemos voltar atrás?

Lindas lembranças aqui vou contar para que fiquem vivas em nossa memória.

O Senhor Ercílio Novais Ribeiro, 71 anos de idade, morador da Comunidade de Paraguaçu, conta que em sua época, a melhor brincadeira estava no engenho de cana de açúcar, período em que o engenho era movido por bois. A maior diversão era TANGER BOIS e girar junto com eles. Cada cutucada o boi se agitava e a garotada ficava animada.

Dona Eliene, 57 anos, moradora de Ibicoara, conta que brincava de CANTIGAS DE RODA e de PASSA ANEL, para brincadeira de *passa anel*, os anéis eram feitos de palitos. Em sua imaginação, os animais eram feitos de legumes como chuchu; até o coração da banana virava belos animais.

Na *passa anel* ela se divertia muito. Uma pessoa tinha que escolher o anel (no caso o palito) e passava na mão de todos na roda. Só que tinha que deixar na mão de alguém, sem permitir que os outros vissem, em qual mão





foi confiado o anel. Quem adivinhasse ganhava a vez de passar o anel.

Dona Ivete, 68 anos, moradora do Povoado de Pau Ferrado, conta sobre as BONECAS DE PANO de sua época:

“Não tinha essa modernidade toda não. A gente pegava uns retai de pano, um bocado de marcela para encher a boneca e costurava. As latas que achava no lixo era feito panelinhas para brincar de CASINHA. Às vezes a comida era de mentirinha, mas também, fazíamos belos cozinhados de verdade. Colocava fogo nos graveto que achava no quintal de casa, botava as panelas com comidas de verdade, depois juntava as amigas para um almoço aqui em casa. Quando não a gente inventava comida feita de pedaços de pau e as folhas de bananeira. Era um luxo” .

CARRINHO DE LATA era a brincadeira preferida do **Senhor Manuel**, 64 anos, morador do Povoado Pau Ferrado. Diz que brincava, empurrando para frente e para trás, fazendo os movimentos de subir as muralhas de terra, com este carrinho feito de latas de sardinha e, as rodeiras, de chinelo velho.

TOMBA LATAS era a brincadeira que **Dona Eliene**, 56 anos, moradora da Passagem de Pedra nunca esqueceu. A brincadeira era assim: colocava uma pilha de latas e o legal era jogar a pedra para derrubar as latas.





José Augusto, 60 anos, morador da Comunidade de Funis, descreve sua infância como “tempo bom”, contando que sua brincadeira predileta era pular no MONTE DE FEIJÃO e sair rolando... Quando mais sujo ficava, mais divertido era.

*Os mergulhos de rio quando a roupa ia lavar
enquanto no sol a roupa quarar
pula corda com cipó
as canelas davam dó.*

Dona Rita, 57 anos, moradora da Comunidade do Renascer, conta que para se divertir não precisa de brinquedos, apenas de pessoas. Ela diz que cantava roda com seus irmãos:

*Abre a roda Tim do lêê
Abre a roda Tim do lálá*

Alguém da roda completava a frase com a rima do verso e, assim, ia até cansar. Lembra também, da brincadeira EM CIMA DO PIANO. Nessa brincadeira escolhia um líder e começava a cantar, cada sílaba era cantada por uma



peessoa. Aquele que termina a frase tem que executar o papel, assim:



*Em cima do piano
Tem um copo de veneno
Quem bateu morreu
Anabu, Anabu
Quem saiu foi tu
Puxa o rabo do tatu
Quem saiu foi ela
Do rabo do tatu
Pau, porrete
Bengala, cacete.*

Dona Ilza Aragão, 60 anos, moradora do Povoado de Terra Boa, descreve que brincava de BOCA DE FORNO, com seus vizinhos e amigos. Juntava todo mundo e a brincadeira começava:

*Boca de forno
Forno
O que eu mandar fazer faz?
Faz!
Se não fizer?
Ganha bolo!*





A ordem era dada! Caso alguém não cumprisse a ordem ganhava uns bolos na mão. As palmadas eram com um chinelo e a dor era de verdade.

BOLINHA DE GUDE era fácil de brincar, conta **Dona Normélia**, 63 anos, moradora da Comunidade de Pau Ferrado. Dentro do triângulo e com um impulso do dedão da mão, atira-se uma bolinha, tentando atingir o alvo marcado, ou tomar as bolinhas dos adversários. Ganhava quem conseguisse o maior número de acertos no alvo, ou tomasse mais gudes do outro.

*No Chicotinho queimado para trás não podia olhar
As chicotadas doíam, mas faziam todos gargalhar
As Cantigas de roda, todos sabiam cantar
Boca de forno e fazer o que o mestre mandar
As panelas de barro serviam para cozinhar
Fazer belos banquetes para todos alimentar.*

Dona Nilza Domingues, 78 anos, moradora de Pau Ferrado, conta que sua brincadeira preferida era CANTAR RODA. Os versinhos ficaram guardados em sua memória, até hoje:





*Um dois feijão com arroz
Três quatro feijões no prato
Cinco seis acabou a vez*

*Amanhã é domingo, pé de cachimbo
Cachimbo é de barro
Bate no jarro
O jarro é de ouro
Bate no touro
O touro é valente
Bate na gente
A gente é fraco
Cai no buraco
O buraco é fundo
Acabou o mundo.*

Conta ela sobre uma brincadeira que amava de nome CORRE CUTIA. Brincava com, no mínimo, três pessoas em círculo, afastadas uma da outra. Daí escolhe uma criança que fica fora do círculo e segura um lenço. Quando o sinal é dado, ela deve correr ao redor do círculo, enquanto os outros, com os olhos fechados, cantam:





*Corre cutia
Corre cipó
Na casa da vó
Lencinho branco
Caiu no chão
Moça bonita
Do meu coração
Posso jogar?
Pode!*

Nessa hora, a criança solta o lenço atrás dos jogadores, que deve pegar o lenço e correr para alcançá-la. Se ela sentar antes de ser pega, a criança que recebeu o lenço recomeça a brincadeira.

Dona Ivaneide, 56 anos, moradora do Pau Ferrado, conta que PETECA era a sua brincadeira preferida. Pegava umas penas, no quintal, da galinha que comiam no almoço, uns retalhos de pano, colocava um pouco de palha de bananeira seca dentro e amarrava. Estava pronta a peteca. Chamava as irmãs e faziam um círculo. Todos batiam na peteca com a palma da mão, sem deixar cair. Quem deixasse cair, caía fora da brincadeira. O último que sobrasse era o vencedor.





BADOQUE era a brincadeira predileta do **Senhor Nezinho**, 89 anos, morador do Pau Ferrado. Descreve que ele mesmo fazia seu brinquedo. Pegava um pedaço de pau, no mato, tinha que ser um que parecesse um gancho. Com um pedaço de borracha amarrava bem firme. No meio, colocava um pedacinho de couro. Agora ia ele a caçar passarinhos e, o melhor, é que depois que cansava levava os passarinhos para a casa, e a sua mãe fazia o delicioso prato de passarinho assado! Brincava e ainda ficava de barriga cheia! Era a carne mais gostosa que existia.

Soltar pipa

Para o céu deveria olhar

No pique esconde, ninguém poderia te encontrar

Peteca, badoque ninguém ia comprar

Faziam em casa mesmo para depois caçar

Da caçada todos comiam só depois de assar

Eternizar momentos, e tirar dos armários belas lembranças

que te fazem mergulhar

Num tempo onde a felicidade

o dinheiro nunca pode comprar

Quando anoitecia, ouviam gritar

Menino entra pra dentro que é hora de se deitar

Amanhã tu voltas a brincar







Capítulo XV



Ibicoara minha cidade **Mariana Mel de Oliveira Aguiar**

Mariana Mel de Oliveira Aguiar - 8 anos, 2º ano do Ensino Fundamental I.
Filha de Marcos Paulo Luz Aguiar e Graciene Ribeiro de Oliveira Aguiar.



49. Ibicoara minha cidade

Mariana Mel de Oliveira Aguiar

Ibicoara é uma cidade muito bonita!
Repleta de belezas naturais: cânions, serras e montanhas
As cachoeiras são muito lindas
Se você quer conhecer o paraíso venha para Ibicoara
Um lugar muito encantador!

Os turistas que aqui vêm se apaixonam
pelas belezas de Ibicoara
Eu amo minha cidade
Ela é muito divertida
Tem muitas árvores, plantas e flores
Ibicoara tem muitos animais
E o canto dos pássaros embelezam a natureza
O som dos rios me traz tranquilidade

Eu gosto muito de minha cidade
Terra abençoada inspiradora
Muito amada tudo que se planta colhe com fartura
Como amo minha Ibicoara!





Capítulo XVI



Beleza divina

Wanda Gil - Letra, melodia e arranjo

Gilvanda S. Jesus - Wanda Gil – Graduada em Música, coordenadora de projeto musical, cantora, compositora, professora de música, poeta.



50. Beleza divina

Wanda Gil

Ela tem uma beleza divina
É uma das mais lindas da Chapada Diamantina
Seus rios dão vida ao seu corpo natural
Entre as curvas de suas rochas
trafegam, banhando e brilhando com a luz do sol
A cada amanhecer
surge um desenho diferente entre rochas e nuvens.
Nuvens que descem do céu
e vêm anunciar como o seu dia será
Ibicoara, Ibicoara abençoada
terra de belezas mil
que atrai todo o povo do Brasil!
Ibicoara, Ibicoara abençoada
terra de belezas mil
que atrai todo o globo
por suas cachoeiras, verdes, rios e céu de anil.
Através dos tropeiros e garimpeiros
seu nome foi divulgado
Povos de várias culturas



vieram de todos os lados
em busca de suas riquezas
ou para apreciar suas belezas
Oh! Gloriosa e bela!







Capítulo XVII



A casa da praça Fernanda Aguiar

Fernanda Aguiar Santos – Neta da Dona Noeme, filha de Ibicoara. Nutricionista de formação e apaixonada por arte e literatura.



51. A casa da praça

Fernanda Aguiar

*Dedicado a doce e bondosa Dona Noeme Neto
Aguiar*

Lá sempre tem chimango e biscoito de polvilho
quentinhos.

Textura de amora fresquinha do pé e, agora, textura
de pitanga, também.

Cheiro de saudade, de quietude e de aconchego.

Um labirinto, um mundo encantado pra brincar
de esconde-esconde.

Magia, deve ser isso...

Sempre tem comida pra mais um e colo para mais
tantos quantos chegarem.

Tem um godó com carne seca que ninguém faz igual.

E tantos sabores e cores quantos os vestidinhos todos
iguais que ela usa por cima da anágua, todos costurados
à mão.

Uma varanda com cheiro de novidade, sim, porque
em cidade pequena os moradores mais antigos e especiais





moram na praça da igreja. Lugar dos melhores que tem, diria ela.

O sino nem badalou e lá está ela, a casa recendendo a café coado e cuscuz de inhame. Levanta com as galinhas numa disposição de dar inveja.

E, sim, ela está certa, o Bernardinho deveria ser o técnico da seleção brasileira de futebol, afinal ele não perdia nada. Ela sabe de tudo.

O avoador então, sem comentários, você pensou em viajar e lá vem ela com um saquinho - vai que dá fome na estrada, né, minha filha?

Lá tem a maciez do cuidado.

A gente veio em outra geração, mas repetimos as coisas como ela faz. Ninguém chega na casa de um dos seus e sai sem aquele cafezinho das três, claro, após uma insistência desmedida.

Ela ama pizza, feijoada, um pastelzinho e por aí vai. Ora, já é quase centenária e nunca precisou de dieta, bote reparo nessas netas que nunca comem nada, meu Deus!

Na casa da praça tem a maior concentração de gêmeos da cidade, era tanto amor naquele coração que muitos filhos, netos e bisnetos vieram em dose dupla.

Perde a graça se esse povo todo não se ajunta aos domingos pra ouvir as histórias dela (que memória, deve



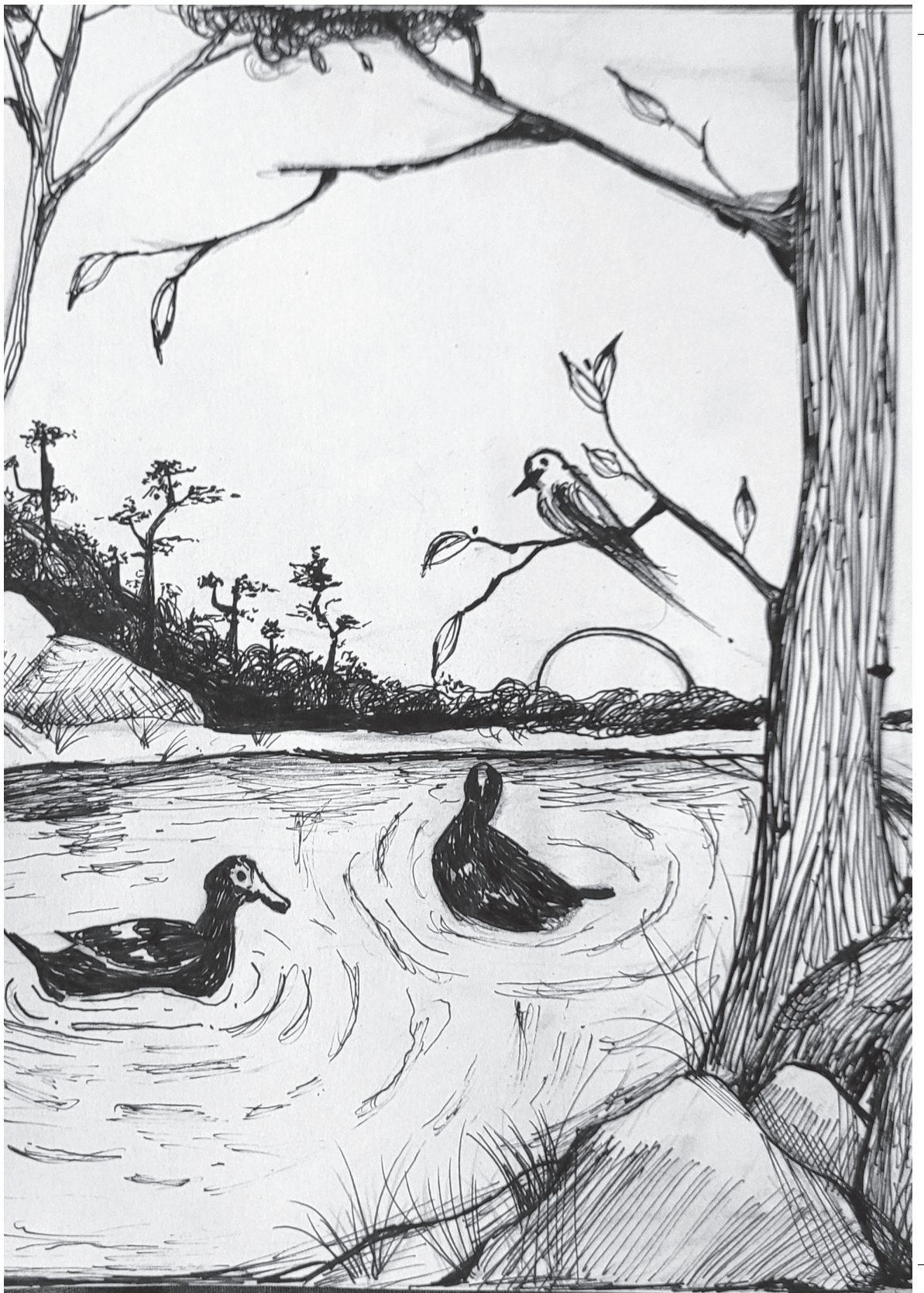


ser a dieta), reclamar um bocado e ri outro tanto. Todo domingo é esse paradeiro, comenta ela.

Lá cabe esse mundão todo, cabe mais um, e se chegar mais dez, cabe também.

É um lugar de imensidão, de amor, lá é isso tudo, porque tem você, vovó.









Capítulo XVIII



ESCONDIDO

Gilmadson Aguiar de Melo Júnior e Keyla Luciana Lopes Santos de Melo

Dedicamos aos filhos de nosso amor: Ian Santos de Melo e Olívia Santos de Melo

Gilmadson Aguiar de Melo Júnior - Engenheiro agrônomo (Uesb) e, desde então, trabalhou em empresas privadas em sua área de formação. Atualmente tem sua própria propriedade agrícola no Distrito de Cascavel, onde fica o **Escondido**, origem da sua inspiração para escrever seu primeiro texto para um livro.

Keyla Luciana Lopes Santos de Melo - Graduada em Ciências Contábeis. Trabalha atualmente como Gerente Administrativo de uma empresa agrícola. Sempre foi apaixonada pelas palavras e rabiscava poesias desde a infância. Mudou-se para Cascavel em 2009, onde mora atualmente com a família e compartilham inesquecíveis momentos no **Escondido**.



52. Escondido

Gilmadson Aguiar de Melo Júnior

Keyla Luciana Lopes Santos de Melo

“Muitas vezes, para preservar o que há de genuíno e belo, nossos sonhos mais profundos (...) precisamos deixá-los longe da maldade e dos olhares alheios, para que não sejam consumidos”. (Os autores)

Na vida precisamos muitas vezes manter em segredo pensamentos, sentimentos, lugares e pessoas. Escondemos por necessidades diversas, por escolha ou medo. *Escondido*, a propriedade que ainda em sua essência se mantinha escondida, renasceu aos meus olhos, sendo hoje o meu refúgio familiar e a realização de um sonho. Um verdadeiro paraíso que no passado foi utilizado como esconderijo, por vários moradores do nosso Distrito de Cascavel, durante um período marcante e histórico de nosso país.

Imagine um “oásis” em meio ao Gerais, uma área que surge de maneira surpreendente, com vegetação de transição entre mata de cipó e a Mata Atlântica, com mussambés enormes, onde são necessários dois homens para abraçar.





E o que dizer da sombra maravilhosa do tamboril? Pense num piquenique gostoso e num fim de tarde aconchegante regados a prosas e ao som do canto de uma imensidão de passarinhos. Muito barbatimão, ótimo para garrafadas, uma flora riquíssima; e a fauna: tem todo tipo de pássaros: pica-pau, coqui, pardal, aracuã. O macaquinho, o mico sagui pula de galho em galho, as borboletas coloridas enfeitam o verde reluzente da mata, uma maravilha! Vários pontos com nascentes de água, tudo muito límpido e cristalino, um líquido precioso que forma um riacho que deságua direto no Rio Paraguaçu; este localizado a 2 km de distância do Centro de Cascavel no município de Ibicoara, à margem esquerda da estrada que dá acesso à Comunidade do Cerqueira. Quem beira a estrada não avista, sequer imagina que ali se esconde um verdadeiro éden.

Como bom curioso da história de Cascavel, sempre conversava com a minha avó, que me contava longos contos e enredos de família e de nossa comunidade, a qual ao longo dos seus 80 anos já ouviu e viveu muita coisa! Eram longas prosas e, numa delas, descobri que na sua juventude já havia trabalhado numa antiga lavoura de café da propriedade que eu acabara de adquirir. Minha avó, Elizabete Souza Aguiar, Dona Betinha, como é conhecida por todos, me contou o porquê daquele nome *Escondido*. A sua resposta





me deixou ainda mais intrigado e perplexo. Ela ouvira dos mais antigos, que há muito tempo, a comunidade de Cascavel que, naquela época ainda era muito pequena, estava assombrada com a notícia que os ditos “revoltosos” haviam chegado em Ituaçu. Com medo do que poderia vir a acontecer, muitos moradores começaram a se esconder daquele grupo, onde metade da população foi se refugiar no ESCONDIDO, e os demais em um local chamado de Moita. Ambos tinham o que era essencial para a população naquele momento, água potável e uma vegetação fechada que permitia o esconderijo.

Fiquei fascinado pela história e fui atrás de mais detalhes. Entre os anos de 1925 e 1927, aconteceu no Brasil um movimento de jovens oficiais, que participavam de revoltas militares contra as políticas do governo federal. O movimento surgiu no Rio Grande do Sul e percorreu o interior de todo país, onde os manifestantes reivindicavam o voto secreto, a reforma do ensino público, a moralização da política, entres outras questões sociais. O movimento foi liderado por Luís Carlos Prestes, recebendo o nome de Coluna Prestes.

No Nordeste, os membros do movimento ficaram conhecidos como “revoltosos”, um título que o governo





deu como forma de descaracterizar suas lutas, e colocar a população em estado de medo e alerta.

A Coluna Prestes chegou à Bahia no ano de 1926, e na Chapada Diamantina em especial, percorreu o nosso território em duas oportunidades: primeiro quando já retornavam de passagem por outros estados do nordeste, passando por cidades do Circuito do Ouro, como Rio de Contas sentido à Minas Gerais e, depois retornando, passando em cidades vizinhas como Ituaçu e Barra da Estiva, até chegar ao Distrito de Cascavel, indo em sentido a Mucugê. Segundo relatos históricos, na região da Chapada Nova, no Circuito do Diamante, houve uma forte e decisiva resistência ao movimento, coordenada pelo Coronel Horácio de Matos, que era a maior autoridade política da Região da Chapada Diamantina, tinha inclusive *status* de Governador Regional. Juntamente com seus jagunços e com o apoio dos governos estadual e federal, travaram vários embates até expulsar os membros dos “revoltosos” para fora do País.

Minha Vó Betinha conta que durante a passagem dos revoltosos em Cascavel, um membro da família, Conergumeno Matos, meu tataravô, foi feito refém pelo grupo, que o levou para que o orientasse o caminho até a cidade de Piatã, sendo liberado pouco antes que chegasse ao destino.





Há como não se sentir agraciado com tamanha riqueza? Eis o ESCONDIDO, com a sua essência, sua história, sua pureza!

Muitas vezes, para preservar o que há de genuíno e belo, nossos sonhos mais profundos, nossas vivências mais puras, os momentos em família, os planos para o futuro, precisamos deixá-los longe da maldade e dos olhares alheios, para que não sejam consumidos.



Capítulo XIX



Casa de vó
Denise Silva Soares de Oliveira

Denise Silva Soares de Oliveira – Professora. Licenciada em Geografia e Química. Pós-graduada em Orientação Educacional e Educação Especial. Filha de Ibicoara.



53. Casa de vó

Denise Silva Soares de Oliveira

A minha avó Ana Silva Paixão

Naquele casarão antigo cheio de portas e janelas, lá estava ela, apertando as vistas pra saber quem descia a ladeira.

Éramos nós, os seus netos que, ao percebê-la, saíamos correndo pra ver quem chegava primeiro nos braços da vovó.

Bença, Vó!

Muitos beijos!

Muitos abraços!

Muito carinho!

– *Tem chimango, avoador, banana assada na chapa do fogão de lenha. Quer bolo de puba? Toma um pedaço de rapadura! Fiz paçoca de coco licuri que catei na roça pro ocês!*

– *Cadê, Vó?*

– *Manele foi de jegue buscar uma carga de mandioca pra fazer farinha e tapioca. Daqui a pouco ele chega pra cumê.*

Chaaane, Chaaane... Chegava a gata toda manhosa, se esfregando nas pernas de minha vó e passava por cada um de nós!

A panela chiava...





Galinha de quintal, godó, pirão, cortado de mamão!
Arroz vermelho bem cozidinho! Ai que cheiro bom!
Parece que estou ouvindo a minha vó aqui, cantando
uma ladainha:

Aveéé, Aveéé, Avé Maria!

Aveéé, Aveéé, Ave Maria!

E terminava sussurrando:

Naaã, naaã, naaã

Huum, huum, huum!

Quanta doçura!

Quanta meiguice!

Quanto amor!

Quanta saudade, Vó Ana!





54. Mané Berada

Denise Silva Soares de Oliveira

Ao meu avô Manoel Oliveira Paixão

Lá vem Mané Berada com suas bananas
Tem da prata, caturra, santomé!
Olha a banana, Dona Maria!
Olha a banana, Seu José!
Saía cedo pra colher, e a noite pra vender!
Pés no chão, um pedaço de currião era o seu cinto.
Um chapéu de couro na cabeça.
Com um saco de bananas nas costas.

Era a lida de um trabalhador.
Vergonha?
Não! Estava lutando pelo seu pão.

Ê bicho duro, véi!

Não fico de mariola!

*Chegar em casa vou fazer uma meia-sola
Mascar um fumo torrado pra livrar das coisas ruim
e descansar ouvindo no rádio a Voz do Brasil*





*Que amanhã, bem cedo, quando a moda caipira tocar
eu vou pra roça plantar um eito de bananeira e outro de
mandioca
fazer farinha domingo e vender junto com as bananas na
feira.*

(Palavras de Manoel Oliveira Paixão - Mané Berada,
Manele para a minha Vó)







Capítulo XX



A pedona

Magno Aguiar Domingues

Magno Aguiar Domingues – Natural de Ibicoara. Graduado em Pedagogia. Pós-graduado em Educação Ambiental. Ministra aulas de Língua Portuguesa. Neto de *Tião Domingo*, cuja história está no capítulo VII (páginas 93 a 98) desse livro.



55. A pedona

Magno Aguiar Domingues

Olá! Imagine um lugar que marcou uma infância maravilhosa! Avistava-se ali uma visão ampla para a Serra do Sincorá. História cultural em que muitas pessoas a visitavam para brincar, apreciar a serra, namorar, estudar, soltar pipas...

Nesse momento, te convido a conhecer aqui, um pouco dessa história fascinante. Preparado? Então venha comigo!

Bem-vindos todos à Pedona!

Eita, que lugar bom para brincar!

Não havia lugar melhor na cidade para se divertir.

Ali brincávamos de tudo, o que não faltava era imaginação. E que imaginação! Eram crianças, adolescentes, gente de toda a idade queria ir.

Refiro-me a Pedona, como era chamada. Ficava no quintal de seu Zé Bumba e passávamos pelo Bequinho que tinha ao lado da casa dele, ou pelo outro beco que hoje dá acesso à feira livre.

Era só chamar os colegas e ir para lá.





Ao chegar, já estava cheio de crianças brincando, fazendo piquenique, admirando a Serra da Águia. Até aquela paquera escondidinha, era marcada naquele lugar.

Era ótimo para se concentrar e ouvir os pássaros a cantar.

Eita que lugar bom para brincar!

Assim eu dizia com a pipa ainda no ar.

Por falar em pipa, ali era o local ideal para soltar. Havia competições da pipa mais bonita, a que voava mais longe, a que descia melhor de bico! Mas nem sempre, era só alegria, aparecia um mais esperto que com cerol, cortava a linha e acabava com a alegria da meninada.

Existia ao lado da Pedona, um terreiro enorme onde brincávamos de bola, pega-pega, bolinhas de gudes, pé-na-lata, carrinho de lata... Vinham crianças de toda a cidade que se espalhavam por todo o quintal.

Ao entardecer, as mães desesperadas, gritavam à procura de seus filhos, que delicadamente diziam: “*Vem simboooora minino, ai ai se for aí te pego, perinda, tu vai vê!*”. Só se via criança correndo pra um lado, enrolando as pipas, descendo dos pés de mangas, guardando bonecas, guardando a bola...

Eita que lugar bom para brincar!





Às vezes machucávamos, ao cair das mangueiras, dos zangues, dos escorregadores improvisados. Quem caía gravemente era levado às pressas para a casa de Seu Tião Domingo (meu avô), que de cansaço e já bem de idade não tinha mais aquela força para trabalhar, mas sempre dava um jeitinho e voltávamos pra casa melhores.

Eita que lugar bom para brincar!

Ah! No dia seguinte, estávamos por lá, parecíamos uma família e dividíamos espaços com as meninas, que brincavam de bonecas debaixo da pedra, uma loca onde inventavam de tudo, até de ser cozinheira.

O tempo foi passando, a cidade foi crescendo, abriram novas ruas. E, foi nesse embalo cheio de sonhos e fantasias, que me veio a vontade de criar um jardim natural para que as crianças pudessem visitar e relembrar toda a sua infância que passaram por lá.

Eita que lugar bom para brincar!

Com seu jardim natural revigorado, a Pedona recebia visitas de turistas, de conterrâneos, estudantes de todo o município para aulas de campo. Novas casas e ruas foram surgindo próximo, mas o lugar nunca deixou sua característica particular. Havia até um barzinho, cujo nome bem familiar *Quiosque da Pedona* esse era o lugar.





Local onde as pessoas pudessem se encontrar para um bate-papo, lembrando com belas músicas ao vivo as brincadeiras e lindas histórias que de encanto, nos emocionam tanto ao falar.

Foi muito bom brincar por lá!

Hoje restam as lembranças
Ao lado de uma esperança
desse espaço revitalizar.
E que em um futuro próximo
essas e outras histórias
possamos viver pra contar.
Pois o lugar resiste ao tempo
agradecendo ao vento
pelas árvores aqui multiplicar
Reconhecendo por todos
a cada momento
A necessidade de te preservar.

(12/07/2022)







Capítulo XXI



Ibicoara

Banda Forró Trindade

Letra e Música: André Romero & Gutto Guedes
André Romero

André Romero – André Romero Nery Franco - Escritor, Diretor Municipal de Cultura em Ibicoara, criador da *Escola Asbtária*, Guia de Ecoturismo, Cantor, Compositor e Vocalista da Banda Ibicoarense: *Forró Trindade!*



56. Ibicoara

Banda Forró Trindade

Letra e Música: André Rhomero & Gutto Guedes

Acende o candeeiro, põe lenha no fogo!
Toca o som aí, a gente quer dançar.
Em volta da fogueira, o papo tá gostoso.
É Bahia, Ibicoara, é pra se alegrar!

Aqui, em Ibicoara, no Campo Redondo, vendo a cachoeira,
parecia um sonho. Nas águas do Firmino, vi o Sol brilhar!
Andei, depois, peguei a trilha, encontrei ingá. O pé de araçá
eu quis saborear, as flores perfumavam todo o céu por lá.

E lá, lá no Mundo Novo, fiquei fascinado, paraíso lindo, tão
purificado. No Rio Espalhado, eu quis me banhar. Lagão,
Menina, beija-flor veio me receber, com aquele carinho que
sonhei viver. O tempo vai passar, nunca vou me esquecer.

E tem uma linda cachoeira, um Buracão de pedra! Nas
pegadas de Jesus, que me conduziu, esse é o meu Brasil!
Canto pra ti, Ibicoara... Ara, canto pra ti, Bahia!





Capítulo XXII



Meu lugar no mundo **Maurício Leite Teixeira Júnior**

*Dedico esse texto a minha amada Flora! Gratidão pelo
companheirismo e coragem em viver esse sonho comigo!*

Maurício Leite Teixeira Júnior – Psicólogo, Servidor Público e Condutor de Visitantes. Nascido em Salvador/BA, ibicoarense de coração.



57. Meu lugar no mundo

Maurício Leite Teixeira Júnior

O ano era 2002, quando ganhei de presente de meu pai uma revista que falava sobre uma *Chapada Diamantina*, ainda pouco conhecida. Nessa matéria me chamou atenção a Cachoeira do Buracão classificada como uma das mais bonitas da região!

Nessa época eu, Maurício, estudante de Psicologia e amante da Chapada Diamantina, fiquei encantado com as fotos e os detalhes da matéria, e levei a revista à faculdade com o objetivo de compartilhar a informação. Não demorou muito para juntar dois amigos e colegas de faculdade, Bruno e Thiago, além de Zéo, irmão de Thiago, e partimos para nossa expedição exploratória, com destino a Ibicoara!

Chegamos ao local, onde hoje se encontra a portaria de acesso ao Parque Natural Municipal do Espalhado, que na época tinha apenas uma corrente para controlar o acesso, por volta das 16 horas e fomos informados que não poderíamos conhecer a Cachoeira do Buracão naquele mesmo dia, por conta do horário avançado. Então o nosso guia e atual amigo Jairo nos levou até o estacionamento do Parque e pediu que acampássemos lá, por não haver





disponibilidade de pousadas nas proximidades, e ele iria ao nosso encontro, na manhã do dia seguinte.

No dia seguinte partimos rumo à Cachoeira e ficamos extasiados com a beleza e a força das águas do Buracão; era mês de junho, o dia estava chuvoso e o volume de água estava bem forte. Quando nos deparamos com o cenário digno de filme, fizemos um “pacto”: iríamos retornar a Ibicoara e comprar um terreno nesse paraíso.

Retornamos no ano seguinte, e novamente em 2004, quando nós, eu, Thiago e Zéo adquirimos um terreno no Povoado Brejão. No terreno já havia uma casinha velha, de adobe, e esse foi o nosso abrigo durante muitos anos... Porém, após algumas chuvas, no ano de 2010, a casinha de adobe foi ao chão... Então decidimos que cada um construiria sua casa, e manteríamos a área do terreno de uso coletivo.

Em 2017 estava trabalhando em Salvador, mas sempre com um pensamento fixo na cabeça: ir morar na Chapada! Então, em meus pensamentos, sempre refletia que se tivesse como me manter na Chapada, deixaria Salvador e iria viver meu sonho. Me inscrevi num concurso em Iraquara, que acabou não acontecendo; fiz um concurso em Boninal, onde fiquei em segundo lugar, e só tinha uma vaga... Mas não desisti.





Fiquei desempregado em 2017, mas no São João desse mesmo ano, em Ibicoara, fiquei sabendo que haveria concurso público na cidade... Essa seria a minha oportunidade de realizar meu sonho de morar na Chapada Diamantina! Na época da inscrição já estava trabalhando como Psicólogo, e fiz um bate e volta, saindo de Salvador as 05h 20min e retornando à capital baiana as 20h 30min!

Fiz a prova, e fiquei na expectativa, pois estava bem colocado, em terceiro lugar. No início de 2018 fui convocado para fazer exames médicos e apresentar a documentação solicitada, o coração quase saindo pela boca! Fui aprovado no concurso para trabalhar como Psicólogo em Ibicoara! Em fevereiro de 2018 viemos eu e minha companheira de vida, Flora Caribé, para Ibicoara onde moramos por 3 meses na casa de Thiago, um dos meus sócios. Entre março e junho de 2018, construímos nossa casa e hoje moramos na zona rural de Ibicoara, há 4 anos e meio!

Esse é um pequeno relato de como encontrei o meu lugar no mundo - Ibicoara! Fui seguindo as pistas que me foram enviadas e acabei realizando meu grande sonho de morar na Chapada Diamantina! Então, só para finalizar, gostaria de deixar um lembrete: sempre acredite nos seus sonhos e cuidado com o que deseja, pois o universo conspira para que os nossos desejos sejam atendidos.





Capítulo XVIII



Dançar coladinho

Francisco Nascimento Aguiar e Silva

Francisco Nascimento Aguiar e Silva - Natural de Ibicoara. Professor graduado e pós-graduado em Educação Física e Gestão de Esporte e Lazer, respectivamente.





58. Dançar coladinho

Francisco Nascimento Aguiar e Silva

Doido pra dançar coladinho, mas cadê o lugar? Nos finais de semana onde ralar o bucho? Corre aqui, corre acolá e lá ia a gente adular o Seu Binha! Adulava. Adulava. Ele cedia! “*Pode fazer o panavué de vocês, até desligar o motor. Espia aqui: Quando Xavier der o sinal, a diversão acaba sem mais nem menos.*” Prevenia Seu Binha.

Era bom demais! Os jovens ficavam à flor da pele. Músicas românticas embalavam os corações. Os olhares se cruzavam! E eu dançava! Huum! Quando a gente conseguia o espaço, a radiola à pilha, arrumava tudo pra começar o rala-rala já quase nove horas da noite. E o dinheiro pra comprar as 12 pilhas pra radiola? Quem tinha? O jeito era fazer uma vaquinha. Quem podia mais, dava mais e pronto! Tocava português, francês, italiano, inglês... O coração traduzia tudo! *Os Beatles, Renato e Seus Blue Caps, Paulo Sérgio, Jerry Adriani...* “*Roberta perdonami*”, “*Torneró*” ... Chego escuto! Ouvíamos os *The Fivers, Aline* canção de *Christophe*, lá pela década de 60... Se quiser eu canto um pedacinho, arranhando um francês que eu nunca aprendi direito, mas que me emociona demais. Até traduzo...





“E eu gritei, gritei Aline! /E eu chorei, chorei”...

Vixe! Pouco mais de uma hora pra aproveitar o tempo! Ah! Tempo! Mas as dez chegavam num piscar de olhos! O baile estava tão bom! O que fazer? João Xavier ia desligar o motor. *“Vamos fazer alguma coisa”*, a gente se angustiava em pensar uma solução. Ele tinha uma vendinha e gostava de tomar aquela velha cachacinha. Surge a ideia! *“Vamos tacar pinga no homem”!* O plano era formidável, infalível. Ele tomava pinga, esquecia de desligar o motor e a gente ralando o bucho até a meia noite! Naquele tempo, para nós jovens, parecia mais simples achar a felicidade.





59. A morte da Biquinha

Francisco Nascimento Aguiar e Silva

Parece que foi ontem, recordo perfeitamente. Mas não foi. Isso é pra lá de mil novecentos e tanto! Não me lembro direito como foi, só sei que *São Bento* tinha virado *Ibicoara*. Naquele tempo, luz elétrica nem se ouvia falar. O que a gente tinha era um motor velho, gerado a óleo diesel que ficava ao lado da Igreja Católica, que o operador teimava em desligar, pontualmente, o cansado motor às dez horas da noite. Óia pá tu vê! A rapaziada ficava muito zangada, doída pra namorar mais um pouquinho. Mas as meninas não podiam chegar, depois das dez da noite, em casa. Os pais eram bravos. Infelizmente, o Seu João Xavier, o operador do velho motor, não atrasava nenhum minuto! Deu dez horas lá ia ele em sua missão de desligar a luz e todo mundo corria pra dentro de casa. A essa altura, pai já estava de olho no relógio e dizia: *É hora de dormir. Amanhã tem que levantar cedo. Os mais velhos vão pra roça comigo. Os outros vão ajudar a sua mãe na labuta de casa. Tem muita coisa pra fazer ...* E tinha mesmo: varrer a casa, cuidar da quitanda, acender o fogão à lenha, ajudar a fazer o almoço, estudar, lavar os pratos. Eita! Essa hora me lembro tão justo





como se fosse agora! Vixe! Chega me dar um aperto! Era a hora de ir à Biquinha. Biquinha era o lugar onde minava água boa, pura, alvinha que nem uma prata. Água limpa que abastecia a cidade inteira. Era carregada de lata em lata ou em carotes de madeira em lombo de jumentos. Era uma diversão, na verdade. Gente pra lá, gente pra cá, carregando esta água. Era fila na Biquinha! Na época era um lugar bem limpo, arrumado, não caía esgoto. Banho era proibido no lugar. O corredor era cercado de arame farpado de um lado ao outro. Dá saudade!

E quando chovia? O inverno por essas bandas era longo. O barro fazia escorregar. Os pés fincados no barro teimavam em se equilibrar. E lá iam elas. As mulheres da vida dura! A semana inteirinha levando e levando latas de água da Biquinha na cabeça, para abastecer as casas das senhoras de Ibicoara, em troca de algumas poucas moedas.

Eu lembro muito da velha Zinha e sua filha Maria do Carmo conhecida por Guinta. Maria de Chancha, Maria de Zu, Maria de Dôca e de tantas outras Marias que afundavam o carreiro pra ganhar a vida, tirar o sustento do carregamento de água. Ganhavam uma micharia. Cinco, dez centavos por lata. Que vida dura, meu Deus!

Lá em casa era diferente. Elas levavam água com prazer. Pois a minha amada mãe Dona Damiana Aguiar era





bondosa e generosa. Oferecia um café, uma merenda, uma cadeira pra sentar um pouquinho e descansar a labuta. Mas as Marias carregadoras de água queriam mesmo era uma dose de cachaça, pra ver se animava essa vida! E cachaça da boa sempre se acha por aqui. *Menino, pega um litro de Brejão na prateleira e traz aqui!* Ordenava Dona Damiana! Eu corria logo. Mamãe servia uma dose e as Marias se alegravam sem demora! Viravam o copo agradecidas, deixando o líquido escorrer pelos cantos da boca, o que voltava da goela elas limpavam com a beira do pano usado pra fazer a rodilha que se aninhava na cabeça para apoiar a pesada lata d'água.

A Biquinha, hoje, está esquecida, poluída e abandonada. Deixou de ser um espaço público e se tornou propriedade particular. Choramos a morte da Biquinha. Choramos tanta coisa que não volta mais.

(Ibicoara, 31 de maio de 2022)







Capítulo XXIV



O amor de Lu e Tõe

Luciene Souza Aguiar - Lu de Tõe

Ao amor de minha vida – Tõe de Lu

Luciene Souza Aguiar - Lu de Tõe – Casada com Antônio João Pereira Aguiar - Tõe de Lu. Técnica em Enfermagem. Graduada em Pedagogia e Educação Especial. Pós-graduada em Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia, Educação Infantil, Alfabetização Séries Iniciais, Coordenação e Gestão.



60. O amor de Lu e Tõe

Luciene Souza Aguiar - Lu de Tõe

Lá na fazenda Lagoa Nova, Município de Barra da Estiva, num dia muito especial, no mês de maio nasce uma linda menina Luciene, filha de Maria Consuelo (In memoriam) e de Sinvaldio. Essa mulher bem resolvida, inteligente, alegre e amada que escreve essas linhas. Permitam-me contar uma parte de mim...

Certo dia fui lavar roupa no Rio do Ponto Velho e quando retornava à fazenda em cima de um caminhão, nesse percurso, encontrei pela primeira vez o grande amor da minha vida. Isso ele em um caminhão, vindo para Ibicoara e, eu em outro caminhão, indo para a minha casa, na fazenda. O engraçado foi que naquele momento quando nos vimos pela primeira vez trocamos beijos lançados com as mãos um para o outro. E o amor brotou tanto no meu coração, quanto no dele. Pois, segundo ele, passou o tempo todo a minha procura, sem saber onde me encontraria. Confesso que comigo não foi diferente.

O destino nos guiou no dia dois de novembro de 1988. Sim, numa *Reza de Viúva* assim chamado na época, em pleno Dia de Finados. Havia festa dançante! Era um





momento muito aguardado. Lá fui eu, em meu vestido vermelho, minha mãezinha e minha irmã Roseli. Naquela noite de luar ele chegou! Estava lindo, usando uma calça preta e uma camisa branca. O meu príncipe, o meu amor!

Sequer eu imaginava encontrá-lo. Mas o encontrei! O interessante que quando ele me avistou debruçado na janela, ele suspirou profundo como se o coração dissesse: “te encontrei, não te perco mais”! Em seguida mandou um rapaz que trabalhava com ele para me chamar. Nesse momento conversamos. Eu disse que estava prestes a ir embora para Salvador. Ele implorou para que eu ficasse. Felizmente fiquei! Trocamos beijos ardentes, um momento de carícias, abraços envolventes que fincados em nosso coração estão até hoje. Assim nasceu o grande amor entre eu e ele. Naquele instante eu não imaginava que eram os mesmos beijos que tínhamos trocados em cima de um caminhão, em uma ladeira, na curva do caminho, ao ar livre levado pelo vento... Foi tão emocionante!

Quando cheguei perto percebi que era ele, sim! E ele percebeu quem eu era! Coração dos dois saindo pela boca! Respirei fundo, e ali a minha memória me levou àquele lugar onde nos vimos pela primeira vez. Senti que o destino não pula etapas. Foi inesquecível! Naquele momento, uma





música de Fábio Junior tocava, e ela era perfeita, marcando o nosso romance: *Felicidade!*

*Felicidade brilha no ar
Como uma estrela que não está lá
Conto de fadas
História comum
Como se fosse uma gota d'água
Descobrindo que é o mar azul*

Assim ficou combinado para ele conversar com o meu pai e a minha mãe. Meus pais permitiram o namoro e ali aprofundamos o nosso amor dia após dia. Sem demora ficamos noivos e colocamos os papéis de casamento no dia 10 de janeiro de 1989. Casamos no dia 14 de abril do mesmo ano. Neste mesmo ano, nasceu em Ibicoara, a nossa primogênita Naiara. Seis anos depois nasceu a nossa segunda filha Sandy. Meu primeiro trabalho foi no Sindicato Rural onde construí um currículo extraordinário tanto profissional, quanto pessoal. Pois aprendi muito com aquela geração de pessoas com mais idade que me proporcionou um conhecimento exitoso. Em seguida trabalhei em vários setores da Prefeitura. Atuei 25 anos como professora. 6 anos como Secretária Municipal de Saúde e outros 6 anos como Coordenadora Psicopedagógica. Fui vereadora de Ibicoara





por 12 anos. Votei em vários projetos importantes nesse município, agregando resultados significativos à população Ibicoarense. Os que mais precisam sabem onde bater na porta. A minha vida pública e particular estão associadas ao meu amor *Tõe de Lu*. Atualmente ele está como vereador no seu segundo mandato.

Faço um recorte especial dessas duas jóias: nosso neto João Guilherme, de 8 anos e uma princesa Maria Julia de 3 meses, grandes amores da nossa vida. Somos apaixonados por animais e temos três cachorros Pingo, Zuma e Romeu e duas gatinhas Pipoca e Luíza. Hoje estou numa fase de total reconhecimento e gratidão a Deus pela vida, pela família que tenho, pela aprendizagem que adquiri em minha carreira profissional e pelo amor que está vivo em meu coração e do meu amado e querido esposo Tõe de Lu. Confesso a vocês: o que eu penso ele pensa! É mesmo impressionante!

Qual é a receita para um amor duradouro? Fé em Deus, respeito, compreensão, afeto, tolerância, companheirismo e acima de tudo o amor. Ah! O amor! Este que a cada dia se renova, pois estamos vivendo a melhor fase da nossa vida, construindo histórias e registrando memórias. Lembrando que o nosso romance continua vivo, florescendo em cada estação, ativando os batimentos da alma e lembrando que





o amor verdadeiro não morre. Ele continua pulsando no ritmo de nosso coração. Como é lindo o amor! Mas é preciso adubar e regar todos os dias de forma leve.

A vida é curta demais para deixar tudo para depois. Viva intensamente a cada dia como se estivesse nascido hoje. Construa sua própria história, pois amanhã é sim, outro dia, e poderá não dar tempo saborear os frutos do perdão, afeto, amizade, amor, esperança e assim, colher os frutos perfeitos e sadios de toda árvore boa que foi plantada no passado, presente ou futuro.





Capítulo XXV



Ibicoara, acuda aqui sem pressa

Cássio Antônio

*Meu mundo não é tão novo assim, mas foi em **Mundo Novo** que descobri uma paisagem que me encantou. Me fez trilhar pelo **Brejão**, cheguei até o **Baixão** e, por fim, parei para refletir que não existe outro lugar no mundo melhor que este aqui. E, por Deus, espero nunca mais sair.*

Cássio Antônio – Cássio Antônio Batista Santos - Natural de Ibicoara, fotógrafo com curso no IIF- Instituto Internacional de Fotografia, graduação em Gestão Ambiental e graduando em Superior/Gestão de Turismo.



61. Ibicoara acuda aqui sem pressa

Cássio Antônio

Em *Pau Ferrado* pousava o *Aracuaá*, gorjeando seu som estridente e anunciando um novo dia para Dona Maria coar o café. Colhido maduro, vermelho ou amarelo, aqui o café Catuaí é Rei. Os primeiros receberam o nome de Nacional – erradicado para aumentar a produção nessa terra marrom-escura, esconderijo do tatu.

Ter noção dessa origem Tupi Guarany tirada da cova – terra branca, dos trechos nos gerais, as pegadas do capão, o galo gordo, saciado na Volta – quiseram marcar ali, então, naquele lugar chamado de *Capão da Volta*. Olhei a igrejinha e segui adiante, para ver de perto o chocalho, avisando as tropas, rompendo as fronteiras na morada da *Cascavel* e seus guizos.

Às margens serpenteavam as águas do *Paraguaçu*, parada obrigatória dos bravos transportadores de alhos, cebolas e rapaduras, em lombos de burros vorazes e mercedores de um breve descanso. Não por muito tempo, pois as chuvas que eram constantes anunciavam que deveriam seguir adiante – assim era a vida de tropeiros.





A *Canjerana*, árvore frondosa à beira do Rio dos Macacos, se destacava entre tantas que compunham as margens, cujas águas supriam a cidade de *Ibicoara*, nome de nossa mãe terra, emancipada em 1962. A *Vânia* é como o *Pé de Serra*, povo sabido mora por lá. Água era facinha, brotava debaixo das pedras.

Uma lagoa formada no canto da serra, vertendo água escura para mostrar o minério da terra, barro escuro e lodoso, queimado vira pó branco – Diatomita é seu nome e nasce da *Lagoa Encantada*. Mas, a sua história é mesmo intrigante, quando mergulho nos contos, daquele povo sabido que me diz assim:

“Quando é meia noite, assim que o galo canta, melhor não subir no barranco, naquele canto do mato, pois em noite de pescaria, ele te guia para o meio da lagoa e morre afogado”.

O campo é quadrado, a bola redonda, a grama é verde, a serra tem onda. Lá não tem poeira, a chuva é quem manda, com poças que mostram a defesa que assombra. Lá também tem cultura, tem café, tem banana, tem coxinha de jaca, tem garapa de cana. Tem gente de lá, e tem gente de longe. Quem te via em outrora, se ver hoje se engana,





se há melhor eu não sei. Eita, escolha medonha! Pois viver é escolha, não define quem perde e quem ganha. Se viver é mudar, que mude também o querer, o pensar, o modo de agir. Possa ser que em algum ponto, não mais deva existir, um espaço onde eu possa lembrar quando passei por ali. Um menino crescido, caminhando, encharcando os meus pés em direção ao Jequí. Licuri o destino, descansar, prosseguir. O Veio Lero comecei a imprimir nas fotografias e ainda ouço o som de seu sorriso único, enquanto digito as palavras que tento dar ordem aqui.

Tem Circo Redondo? Tem sim, Senhor! Tem povo chegando, tem povo passando, tem povo encantando - tem gente que fez, tem gente que faz, tem gente, tem paz no Campo Redondo.

Meu mundo não é tão novo assim, mas foi em *Mundo Novo* que descobri uma paisagem que me encantou. Me fez trilhar pelo *Brejão*, cheguei até o *Baixão* e por fim, parei para refletir que não existe outro lugar no mundo melhor que este aqui.

De Igarauá a Ibicoara, queira Deus existir daqui a um tempo, a palavra mais pura e ingênua do pertencimento, dos nascidos e dos chegantes de ontem, de hoje e do amanhã



que a Deus pertence - um povo apaixonado por esta terra de todos e, não do seu metro quadrado, que não tenham deixado de lado, o sentido de aqui existir.

Minha terra, nossa terra, barro branco.

(27.02.2022)







Capítulo XXVI



Mulheres-árvore

Marta Aguiar

Marta Maria Aguiar - Natural de Ibicoara. Professora, artesã, agricultora, fotógrafa e apaixonada pela natureza.



62. Mulheres-árvore

Marta Aguiar

Mais difícil que a Trilha da Fumacinha por baixo é tentar descrever o peso da história dessas cidadãs ibicoarenses. Uma história linda de três mulheres que fincaram suas raízes no solo da memória da nossa cidade.

Dora Aguiar, 99 anos. Noeme Neto, 97 anos.
Orminda Aguiar, 90 anos.

Quase 300 anos de memórias, e cada uma delas com suas particularidades, mas com o mesmo propósito: elas são árvores com raízes profundas que cuidam com muito cuidado, paciência, amor e proteção do seu crescimento e dos brotos mais próximos, regando com sabedoria e discernimento cada semente que se projeta no próximo. Suas mãos estendidas são poderosas para acalmar nossa alma e renovar nossa energia, num processo de fotossíntese peculiar e grandioso.

MULHERES - ÁRVORE têm o poder de lançar suas sementes, com a certeza de que o vento levará para longe um pedacinho seu. É parte do processo de compartilhar sempre.





MULHERES - ÁRVORE fortes o suficiente para suportar as dificuldades da vida, mas ao mesmo tempo exalando a melhor fragrância que contém amor, fé e caridade. Cuidam de seus filhos com uma proteção de leoa, ainda que sejam árvores. Não tem problema.

Assim são essas mulheres Ibicoarenses, produtoras de bons frutos e de sombra que acalenta e revigora, e que merecem toda nossa homenagem e reverência.







Capítulo XXVII



A minha querida mãe Roberval Martins Aguiar

Roberval Martins Aguiar - Poeta, cantor, compositor, pedagogo e pastor.



63. A minha querida mãe

Roberval Martins Aguiar

Era o ano de 1940 em um povoado chamado São Bento
Alice Nunes casada com Américo Martins Júnior
Espera ganhar mais um bebê
E em 26 de julho ela veio ao mundo - Aracy Martins Aguiar
Trazendo muita alegria para toda a família comemorar
Aracy foi crescendo, brincando de cantigas de roda
Jogando versos com suas amiguinhas

Teve muitas amigas, porém duas amigas foram inesquecíveis
Lurdes - filha do Sr. Tavime Hermes Luz
Pois uma boa amizade enche a nossa vida de luz!

Os anos passaram rapidamente e aos 20 anos ela se casa
Com um rapaz chamado Reinaldo Aguiar, Jovem bonito
e elegante
Trabalhando de sapateiro para uma família formar

Assim jovens casados, os filhos começaram a chegar
Sendo Ronaldo o primeiro filho que o casal veio alegrar
Vida de casado não é fácil, a esposa às vezes é preciso trabalhar...





Aracy é nomeada professora leiga
Indicada por José Medrado e pelo Estado começa a ensinar
Também foi vereadora e presidente da Câmara Municipal
Para o município de Ibicoara ajudar
Seu amado marido Reinaldo Aguiar
De sapateiro, passou a ser escrivão da polícia pelo Estado
E as coisas vieram a melhorar
Logo, logo comprou um fusquinha amarelo... Que bom!
Agora tinha um carro para com a família passear

Aracy, mulher guerreira que muito trabalhou
Fazendo seus deliciosos pastéis para vender, e a família ajudar
Quantas latas de café pegou nos cafezais das redondezas
Para uns trocados os filhos educar?

Em 15 de novembro de 1993 converteu-se a Jesus Cristo
De uma forma sobrenatural, quando o seu filho Roberval
estava por ela a orar
Leitora assídua da Bíblia, lendo todos os dias, procurando
o Pai Celestial agradar!
Já leu a Bíblia de Gênesis a Apocalipse, mais de oito vezes
Como a palavra de Deus ela sabe amar!





A minha querida mãe dedico estes versos com muito carinho
e amor

Que Deus te cubra de bênçãos, minha querida guerreira
do Senhor

Esta é a minha singela homenagem do seu filho Roberval

Que te ama, e agradece a Deus por sua vida e dedicação...

Te amamos querida mãe de todo nosso coração!

(26 de julho de 2022)





Capítulo XXVIII



**“Saudades eu tenho de tudo,
como não ter saudades”?**

Sidnei Rocha Aguiar e Mariana Souza Santana Aguiar

Sidnei Rocha Aguiar Filho de Maria Genice Rocha Aguiar. Mestre em Ciências da Educação, graduado em Letras e em Direito, professor com experiência na rede estadual e municipal de ensino, inclusive no ensino superior, e Coordenação Pedagógica.



64. Saudades eu tenho de tudo. Como não ter saudades?

Sidnei Rocha Aguiar e Mariana Souza Santana Aguiar

Rememorar hoje em dia para mim tem sido muito difícil... Tenho 82 anos de idade, a memória não tem sido mais a mesma. É uma luta diária manter acesa as minhas lindas histórias! Já faz muito tempo que não falo das minhas lembranças e, se ainda me lembro de algo, agradeço a Deus por deixá-las ainda vivas em meu coração.

Meu nome é Maria Genice Rocha Aguiar, sou filha de Lindolfo Rocha e Ester Matos Rocha. Nasci no ano de 1934 em Cascavel, Distrito de Ibicoara, onde passei a maior parte da minha vida.

As pernas hoje cansadas do trabalho, as mãos cheias de marcas e as rugas em meu rosto insistem em me manter em casa, onde me dedico em grande parte à leitura, pois minha visão o tempo não conseguiu apagar. Mas sinto saudade da minha infância na roça, onde eu e meus sete irmãos acordávamos cedinho para ordenhar vacas e depois ir para a escola. Eu e minha irmã Maria, com o leite que havia sido tirado, fazíamos requeijão. Também gostávamos de bordar e costurar. Quando eu tinha tempo,





adorava brincar de casinha e montar a cavalo.

Havia muitas festas animadas, como casamentos, festas de São João e outras, porém era muito raro frequentá-las, pois meu pai dizia que não eram festas para crianças irem.

Quando vejo hoje crianças paradas em frente a uma TV ou o dia inteiro em jogos pelo celular, a saudade da minha infância aumenta ainda mais! Embora em casa todos tivessem alguma tarefa a ser cumprida, a gente fazia com uma simplicidade e leveza que o trabalho não parecia ser cansativo!

Sempre fui uma aluna dedicada aos estudos, porém, por não ter escolas na localidade na época, estudei somente até a 5ª série. Depois, fui convidada para ser professora em Cerqueira, um povoado pertencente a Ibicoara. A escola funcionava numa residência com turmas lotadas. Mais tarde, foi construído um prédio para atender aos alunos da região. Era um trabalho que me deixava feliz, pois sentia que tinha vocação para ser professora.

Um dos fatos mais marcantes na minha vida foi quando virei mocinha, conheci meu saudoso marido, Wilson Aguiar e, a princípio, não gostei nem um pouco dele! Era muito sério, não brincava com a gente e eu e minhas amigas adorávamos perturbá-lo. Até que um dia,





depois de andarmos a cavalo, o vimos trabalhando no campo... Escondemos atrás de uns troncos de madeira e começamos a falar:

- Roliço, oh Roliço! E voltávamos a esconder. Sabe por que o chamávamos assim? Porque ele era bem gordinho! E continuávamos:

- Roliço, oh Roliço! Ele ficou muito nervoso e, sem que percebêssemos, tirou uma lasca de madeira e jogou na nossa direção. Adivinha em quem acertou? Em mim, e no meu nariz! Tenho a cicatriz até hoje e, na época, minha raiva dele aumentou mais ainda.

O destino prega cada uma na vida da gente! Quando fiquei moça, aquela raiva toda dele passou e se tornou amor. Nos aproximamos e, após um tempo, me casei com Wilson numa igreja em Capão da Volta, onde um padre chamado Fernando quem celebrou. Então, vieram os filhos. Ao todo, foram onze; hoje oito estão vivos. Todos deram um pouco de trabalho, mas gostavam de estudar. Às vezes surgiam conflitos, porém algo comum para tantos filhos de personalidades tão diferentes. Em 1984 meu querido marido faleceu, foi a dor mais forte que eu poderia sentir... Mas precisei continuar com os trabalhos, afinal tinha meus filhos para criar. Graças a Deus, com toda dificuldade, consegui fazer com que





todos se formassem e hoje são meu orgulho! Em tempos difíceis, todos tiveram que estudar em outras cidades e até no Estado de Minas Gerais, mas meu trabalho e Deus foram meu amparo para concluir nossos sonhos, meus e de meus filhos.

Saudades eu tenho de tudo, como não ter saudades? Da minha infância, dos meus estudos, meu marido, filhos, pais, irmãos, meu antigo lugar... Todas as belas lembranças que minha pouca memória ainda consegue registrar. Ah, e também dos meus alunos, de ser educadora, pois sempre tive vocação para ser professora!

*Texto baseado em entrevista feita com a
Professora Maria Genice Rocha Aguiar
Por: Sidnei Rocha Aguiar e Mariana Souza
Santana Aguiar*







Capítulo XXIX



Presente de aniversário!

Miguel Ângelo Louback Gonçalves Romero
Franco

“Presente melhor que esse, nem um filho de bilionário recebe!”

(O autor)

Miguel Ângelo Louback Gonçalves Romero Franco - escreveu esse texto aos 14 anos. Hoje, aos 16 (nasceu em 02.02.2007) é estudante e um amante da natureza, trilhas e cachoeiras... Tudo a ver com Ibicoara.



65. Presente de aniversário!

Miguel Ângelo Louback Gonçalves Romero Franco

Acordei! No paraíso? Não. No Campo Redondo. Muito cedo, mas ansioso para o passeio de aniversário. Não exatamente no dia do meu aniversário, mas como presente, meu pai decidiu levar eu e minha irmã para uma cachoeira. Um pouco longe, nove quilômetros. Isso não me faz ficar preocupado e, sim, com mais vontade de ir. Pegamos o carro e fomos, muito cedo. Comecei a ter uma mini crise de ansiedade no meio do caminho. Peguei uma caixinha de som que estava ao meu lado e coloquei uma música para distrair.

Chegamos no início da trilha, pegamos nossas mochilas e caímos dentro. No início, já avistei um lago (lagão, dizendo meu pai) decidimos não entrar e seguir em frente. Andamos sobre as pedras no meio de duas montanhas. Muito legal, pois meu pai ficou brincando de “parkour” comigo. A trilha inteira, comendo pão de queijo de minha mãe. Como eu estou em fase de crescimento, sinto muita fome. Demos de cara numa pedra que parecia muito ser um sanduíche, tava mais pra um sandubão.





Rimos bastante e seguimos em frente. Eu e minha irmã começamos a ouvir um barulho, meu pai disse que já era da cachoeira. Começamos a andar mais rápido e tirar menos fotos. Depois de passar do lado de uma pedra, quase chorei, de tão linda que era. Gritei pra minha irmã:

_ CHEGAMOS!

Quando ela viu a cachoeira, deu uma risada e um suspiro.

_ Nossa! Muito lindaaa! _Disse ela.

Tomamos um banho rápido, comemos o lanche que minha mãe tinha feito e voltamos muito felizes de morar num lugar assim, cheio de montanhas e lugares bonitos para visitar, do lado da nossa casa!

Presente melhor que esse, nem um filho de bilionário recebe!







Capítulo XXX



Maravilhas de Ibicoara

Thayana Lélis Costa Aguiar

Thayana Lélis Costa Aguiar – Filha de Alberto Aguiar e Silva e Arleide da Silva Costa Aguiar. 12 anos, aluna do 8º ano do Ensino Fundamental II.



66. Maravilhas de Ibicoara

Thayana Lélis Costa Aguiar

Ibicoara é uma cidade especial
aqui de tudo tem
belezas naturais, comidas típicas
e muitas outras mais

surgida no século XIX
com a chegada de garimpeiros
também servia de parada
para todos os tropeiros

tem muitas belezas naturais
que deixa qualquer um impressionado
cachoeiras do Buracão, Fumacinha e Rio Preto
todos ficam apaixonados

terra boa para plantar
café, batata, cana de açúcar
aqui com muito trabalho e amor
tudo que se planta, dá



você que vem para Ibicoara
será recebido com muito amor
pois o povo dessa cidade
tem a fama de ser acolhedor







Capítulo XXXI



Abençoadas palmadas

Gildete Aguiar Neto

Tudo o que sou hoje, agradeço a Deus em primeiro lugar, e a Geni Aguiar Neto, minha mãe, uma mulher mais que vencedora.

Gildete Aguiar Neto

Gildete Aguiar Neto – Pedagoga, Professora, Coordenadora Pedagógica.



67. Abençoadas palmadas

Gildete Aguiar Neto

Anos 90, meados de março. Todas as crianças felizes por começarem as aulas. A escola ficava umas 4 horas da minha casa. A professora Marlene, uma paranaense, alta, magra, loira, mas com uma cara de professora daquela época (brava), todos os alunos a temiam, porém de uma competência elogiável. Todos aprendiam a ler, escrever, fazer conta e a tabuada (acredito que não há uma pessoa que passou por ela que não saiba a tabuada). A escola ficava ao lado de um campo de futebol. Os sanitários eram dois buracos enormes que ficavam dentro de umas casinhas de madeira. A merenda era levada de casa por cada aluno - lembro da farofa de cebola bem sequinha do meu primo Antônio. Eu levava um pedaço de bolo de fubá ou de puba, dentro de um saquinho de açúcar (pausa pra segurar a emoção). O intervalo sempre às 10 horas, isso pra quem fizesse todas as atividades certas; os que não faziam, não saíam. Lembro de um colega, que por sinal era irmão de criação da professora, ele nunca saía.

Brincávamos de pega-pega, pula corda, brincadeiras de roda... Enquanto isso a professora ficava na sala, tirando





as suas cutículas com *gilete*. Aos sábados a alegria era ficar esperando nossos pais virem da feira a cavalo. Eles vinham todos juntos e nós ficávamos dentro da sala, de olho pra ver quem passava primeiro. Lógico, tudo em total silêncio, pois se conversássemos na hora da aula, o castigo era certo. Bem, tudo isso ficou interessante depois de muitas chineladas abençoadas que ganhei de minha mãe.

Nos primeiros anos escolares, minha mãe teve que dobrar um bocado, para que eu conseguisse chegar até aqui. Meus pais acordavam às 5 horas da manhã. Minha mãe ia dar comida às galinhas, e meu pai fazer o café, porque em seguida eles iam para roça . Eu me lembro de que eles ligavam o rádio e Zé Beto era o radialista. Tocava Amado Batista, Chitãozinho e Xororó; enfim, eram madrugadas agradáveis. Enquanto minha mãe estava dando comida às galinhas, eu levantava bem quietinha, passava pela porta da varanda e corria para casa da minha avó. Chegando lá, eu batia na porta, minha avó já acordada abria e, eu de pijama e tudo, corria e deitava ao lado do meu avô. Eu falava “Padim Zeca, não deixa eu ir para escola, por favor”. Ele me protegia, mas de repente... “toc, toc” meu coração gelava! Era a minha mãe. Ela ia até o quarto e me tirava da cama. Meu avô falava: “Oh, Gena, minha filha se tu me tem como pai, não leva ela pra escola”. Minha





mãe respondia: “Oh, veí eu tenho sim, o senhor como pai, mas isso não posso lhe obedecer. Quando ela crescer e não saber ler e nem escrever, ela vai dizer que eu não importei com ela”. Eu chorava e, ela coitada, perdia a paciência - ABENÇOADA SEMPRE SERÁ MINHA MÃE, POR NUNCA TER DESISTIDO DE MIM. E começava a me bater de sandálias – OBRIGADA, MINHA MÃE POR CADA SANDALHADA. Com todos esses sacrifícios chegava à escola. Minha mãe me prometia tanta coisa se eu ficasse na escola. Bem, ela me colocava na sala e eu sumia dali. A demora era minha mãe chegar em casa. Eu pedia licença à professora e ia embora. Minha mãe olhava para mim com muita tristeza e decepção. Essa situação perdurou por muito tempo, até que um dia, minha mãe teve a ideia de me levar até o tio Júlio para que ele me rezasse. Tio Júlio era um tio do meu pai, já idoso, mas que todos tinham muita fé nas rezas dele. Em um dia de domingo, minha mãe e eu fomos até esse tio. Ele me rezou e disse para minha mãe: “Amanhã ela vai pra escola sem trabalho nenhum”. Não sei se foi a fé da minha mãe ou se realmente a reza fez efeito, mas no outro dia, acordei , tomei café , me arrumei e fui para escola. Desse dia em diante, nunca mais dei trabalho para estudar. Terminei o ensino fundamental na escola da área rural, depois vim para cidade, fiz o ensino fundamental,



magistério e a faculdade de Pedagogia. Em 2022, por ironia do destino, coordeno o *Programa Busca Ativa*, em Ibicoara, um programa que vai atrás dos alunos que estão fora da escola, para trazê-los de volta. Hoje, em 2023, coordeno a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no mesmo município. Serei grata a minha mãe pelo resto de minha vida. Tudo o que sou hoje, agradeço a Deus em primeiro lugar, e a *Geni Aguiar Neto*, minha mãe, uma mulher mais que vencedora.







Capítulo XXXII



É de dar água na boca Textos de 68 a 70 - Ana Karyna Dantas de Matos

Ana Karyna Dantas de Matos – Chef do Restaurante Raízes, em Ibicoara.
Mãe das Anas: Bia (a ilustradora desse livro), Gabi e Júlia.





68. Tradições que vão à mesa – Receita de Palma

Ana Karyna Dantas de Matos

Não há história que se conte onde a gastronomia não esteja.

Não seria diferente, falar de uma comunidade sem as tradições que vão à mesa.

Já foram quantas prosas contadas, por senhoras cortando palmas?

Das comidas típicas de Ibicoara, lá está o picadinho verde, que somando a ingredientes simples encanta muita gente.

Gente que nem imagina, que a iguaria é de origem mexicana, aquele cacto verdinho que temperado com tanto carinho, tornou-se prato preferido na Chapada Diamantina inteira.

Imagine se soubesse das suas propriedades e benefícios?!

A palma plantada para alimentar animais foi à panela ser refogada e virou prato tradicional que ajuda na digestão, regular níveis de açúcar e também prevenção para o câncer...





Doença que já causou em muitas pessoas tristezas e vazios nos corações.

Mas vamos pensar em coisas que aquecem a alma. Usar esta receita carregada de histórias e reviver grandes recordações com sabor de tradição.

Receita de palma

1 pacote de palma picadinha
1/2 xícara de cebola picadinha
1/2 xícara de pimentão picadinho
Cheiro Verde e sal a gosto
1 colher de sobremesa de açafrão da terra
3 dentes de alho amassados
Óleo suficiente para refogar os temperos.

Modo de fazer:

1. Cozinhe a palma em água fervendo (20 minutos)
2. Escorra a palma
3. Frite a cebola, o alho, pimentão, açafrão e deixe refogar. Finalize com o cheiro verde e reviva grandes lembranças, saboreando lindas recordações.





69. O milho, uma tradição - Receita de Canjica!

Ana Karyna Dantas de Matos

O mês de junho ditou uma iguaria que chegou para aquecer as noites e se fazer tradição.

Receita que nasceu da mistura de culturas, de origem africana, no Brasil tem vários nomes, mas que aqui no Igarapu, revelou-se Canjica.

Das roças, o milharal verdinho traz a agricultura raiz. Dos idosos da cidade a frase: “Milho bom é o plantado no dia de São José”.

E assim é!

Na terra arada por entre os pés de café, lá estão os milhos sendo cuidados.

Amarelo ou branco, grãos ricos em antioxidantes que ajudam a proteger a saúde dos olhos e a fornecer a energia que vai aquecer o corpo nas noites frias.

O milho, tradição nas festas juninas, paixão do povo ibicoarense, que junto com a doçura do açúcar e do leite extraído do coco seco, nos fogões à lenha, no caldeirão a ferver as delícias de uma terra, a canjica se revela.

Anota a receita para você!





Canjica Raízes

1 pacote de canjica branca ou amarela (500g)

1 litro e meio de água

Deixe de molho de um dia para o outro

Coloque para cozinhar com 1/2 xícara de açúcar

Acrescente após o cozimento:

2 cocos secos (tira o leite)

Ou 1 garrafinha de leite de coco

Se for usar a garrafinha de leite de coco, medir a mesma garrafinha, mais 1 medida de leite integral

Finalize com:

1 lata ou caixinha de leite condensado

1 pitada de sal

Canela em pau a gosto

Deixar ferver, sempre mexendo para não queimar.





70. Cheiro de contos

Ana Karyna Dantas de Matos

Olha o cheirinho de galinha de quintal vindo do fogão
à lenha!

A boca chegar a salivar.

Um misto do toucinho sendo frito e tradição perfumando
tudo...

Ah! Cheiro de quintal repleto de temperinhos...
Do hortelã grosso ao cheiro verde que darão o toque final,
junto com o açafraão da terra a colorir o prato mais desejado
de Ibicoara.

Sabor, cor, amor sem igual!

Raízes que se misturam e refogam a alma de
existência, de poesia e automatizam o coração.

A gastronomia de um lugar não conta só histórias...
Claro que não!

Ela traz as memórias afetivas de um povo, revela
sentimentos nobres e eternos de uma geração inteira.

Que delícia o cheiro de contos de uma vida!







POSFÁCIO



Que gente é essa?

*Aos “Forasteiros” – Um povo que traz e leva na mochila ou mala
muitos sóis e chuvas!*

Gésia Cássia Lima

Gente que chega de fora, normalmente é vista como “forasteiro”. E, cá, nós trouxemos os hábitos, o jeito de fazer as coisas, nosso modo de ser... Mas não nos agrada ser eternas visitas e eternos estranhos do lugar. Por que visita é aquela pessoa cerimoniosa, meio deslocada de sua própria casa. Ela costuma “agendar”, pois aquela casa não lhe pertence. E “estranhos” são àqueles normalmente vistos como excêntricos. Não é assim? Porém quando ficamos mais íntimos, essas formalidades desaparecem. E



dizemos: “Sinto-me em casa”. Então é isso que queremos: acolhimento. Quando o olhar de curiosidade é substituído pelo de amizade, ganhamos a viagem, por mais difícil que ela tenha sido.

Outra coisa: a gente que chega de fora, também, traz um olhar de encanto diferente, desacostumado à beleza local. Então, tudo se constitui uma novidade paradisíaca: A lua cheia, redonda, prateada ibicoarense que nasce em pleno dia, nos lembrando o *Feitiço de Áquila*; a Cachoeira do Buracão que dá medo de tão profunda e insondável, e suas orquídeas do caminho. Os campos de Campo Redondo tão verdes que encantaram o menino Miguel Ângelo. Os cafezais floridos daqui são mais brancos que os de qualquer outro lugar. O vento do Canavial de Pai Pedro sussurra em nosso ouvido segredos ressuscitados de nossa ancestral memória. O jeito melodioso da fala local: *Óia pá tu vê! Vou ir se tu querer!...*

Aqui nos inspira poesia-homenagem:

*Dora Aguiar, verbo amar/ Ícone ibicoarense que sabe
partilhar/ Mulher de fibra de tantos corações/ És mulher de
coragem e também tradições.*

*Veio de fora, criou raízes/ Dona Dora é uma flor/ Pessoa que
sabe ser feliz.*





*Aqui deixo essa homenagem, palavras do coração/ A essa
pessoa querida que veio das bandas do Brejão/ Dona Dora
com amor*

Ibicoara se abre em flor/ Pra te desejar gratidão.

(Roberto Gomes)

O olhar extasiante virou livro, sob a minha autoria e de outros 22 convidados. Essa literatura serve a preservar histórias inspiradas em Ibicoara, descobrir novos talentos, publicizar e valorizar a variedade linguística local, reprimir antipatias, inibir a marcha do preconceito linguístico, estimular o gosto pela escrita, leitura e poesia, contribuir com a autoestima dos moradores, cantar as belezas daqui. Temos um glossário com mais de 50 palavras e expressões contextualizadas faladas no município. Quantas vezes nos pegamos fazendo e falando coisas e não nos atentamos com a origem daqueles gestos ou modos. Não é? Isso está no DNA de nossa ancestralidade. Ouvir os antigos, especialmente; prestar mais do que a costumeira atenção às coisas que nos rodeiam... Tudo isso pode nos revelar muito de quem somos.

Lembrando uns versos de uma canção, “*tem gente que chega pra ficar, tem gente que vem e quer voltar, tem gente que vai e quer ficar*”, e eu já vou ir, como se diz por aqui. “Então, só para finalizar” diz o Maurício Teixeira “*gostaria de deixar*





um lembrete: sempre acredite em seus sonhos e cuidado com o que deseja, pois o universo conspira para que os nossos desejos sejam atendidos”. Através dessas páginas, sempre vamos nos reencontrar. Agora ele é seu: Este livro que guarda as memórias do lugar, como quem canta uma canção de amar!

Usaremos a poesia, sempre, para nos aproximar! Deixo uns versos bordados por Roberto Gomes, a nos presentear:

Óia que coisa mais linda! Quanto amor por este lugar, as histórias estão no povo, basta abrir os ouvidos para escutar, as memórias de nossa gente, que cantam seus versos e faz-nos chorar.

Óia que coisa mais linda! A culinária que temos por cá, tem o godó, cortado de palma, tem o caldo de aipim pra saborear, tem a cachaça, e coxinha de jaca, não se pode esquecer do mungunzá.

Óia que coisa mais linda! Que perfeição é este lugar, passando pela Escadinha, no Campo Redondo iremos chegar, lugar celeiro de artistas, que chegam aqui e não querem voltar.

Gésia Cássia Lima - 19 de junho de 2022





Glossário



A autora Gésia Cássia Lima organizou esse Glossário apresentando parte da variedade linguística do Município de Ibicoara, através das palavras extraídas dos textos de ÓIA PÁ TU VÊ/Ibicoara. O significado abaixo de cada uma delas está atrelado ao contexto, pois varia a depender dele. Os provérbios e expressões estão em **negrito** e seguem a ordem alfabética.

Nota: A Língua é a identidade de um povo. Reprimi-la é ofender o falante. É disseminar o engano de que há uma superior e melhor que a outra. E não há. Como vestimentas, a Língua pode vestir a roupagem que desejar, ora informal, ora formal, ora ela mesma, nua com a sua beleza natural. Eu costumo dizer, se há entendimento não há erro.

Gésia Cássia Lima



1. Abestada – tola
2. **Afundar o carreiro** – fazer todo o possível, trabalhar pesado
3. Atolemada – boba
4. Besteirice – bobagem
5. Bongar – ato de catar café de grão em grão
6. **Bote reparo** – tenha cuidado
7. Bucho – barriga
8. Cândida – uma metonímia, significando o produto usado para alvejar roupas
9. Casona - casa grande, espaçosa
10. Compoca – de repente
11. Cotoco - pedaço muito pequeno
12. Cueio – coelho
13. Curiá- curiosidade
14. Dente aberto – alegria
15. Descachimbada – exausta
16. Desmantelado – desarrumado
17. Destamainho – refere-se a algo muito pequeno
18. Doidiça -devaneio
19. Entojada – aborrecida, insatisfeita
20. **Entortou o juízo** – perdeu a razão, perdeu o bom senso
21. Facinha – coisa muito fácil
22. Feiuridade – um determinado tipo de situação triste, carência material, algo muito feio
23. Gaio - galho
24. Licutixo - presepada, “metida a besta”
25. Ligeiramento – pressa





26. **Mal a coruja abre os olhos** – referindo-se ao horário antes de iniciar a noite
27. Malassombrado – mal assombrado
28. **Mais antes não ter** – não fazer questão
29. Mangangá – besouro veloz frequentemente visto nas roças de maracujá
30. Minovecentoetigamente – neologismo criado para se referir a um tempo antigo
31. Mói – pequena parte
32. **Mói d’água** – bolinho de farinha e água
33. Molestada – atentada, traquina
34. **Olhos da cara** – muito caro
35. **Óia pá tu vê!** – Locução interjetiva que desempenha vários papéis: admiração, alegria, espanto, incredulidade, desconfiança, satisfação, saudação e outros.
36. Panavuê – bagunça, gritaria, briga
37. Pedona – pedra grande
38. Pelando – quente demais
39. **Pé lascado** – Pessoa carente em sentido financeiro, “pobre”.
40. Perinda – interjeição, significando um tipo de ameaça: você vai ver! Me aguarde!
41. **Quando pensar que não** – de repente. Algo sobrevém causando um tipo de surpresa.
42. Quebra – tradição de Ibicoara. Intervalo para o descanso.
43. **Queta, Maria Dizu** – deixa de tagarelar, deixa de falar muito.





44. Recordança – lembrança, memória
45. Sabênçãos – neologismo, sabedoria mais bênçãos.
46. **Se tu querer** – se você quiser, caso queira
47. Simbora – vamos embora
48. Tile – bolinhos feitos de água, farinha e pimenta
49. Tiquinho – uma porção pequena
50. Toleimice – bobagem
51. Troncudinho – forte
52. Veve- vive
53. **Vou ir** – locução verbal correta também na gramática normativa, pois o termo “vou” funciona como verbo auxiliar. Essa expressão é amplamente falada em Ibicoara, e utilizada para indicar uma ação no futuro: *irei*.
54. Zangues – tipo de cadeira de balanço feito com um pedaço de madeira, amarrado em cordas e pendurado em uma árvore
55. Ziguezagueando – fazendo voltas



